



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

LAÍS RODRIGUES DE BRITO

**A RELAÇÃO CENTRO E CENTRALIDADE NA ESTRUTURAÇÃO URBANA DE
CAMPINA GRANDE - PB**

Campina Grande- PB
2014

LAÍS RODRIGUES DE BRITO

**A RELAÇÃO CENTRO E CENTRALIDADE NA ESTRUTURAÇÃO URBANA DE
CAMPINA GRANDE- PB**

Trabalho de Conclusão de Curso modalidade Monografia, apresentado à Coordenação de TCC como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)-Campus Campina Grande.

Orientador: Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior

Campina Grande- PB
2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

B862r Brito, Laís Rodrigues de.
A relação centro e centralidade na estruturação urbana de Campina Grande - PB / Laís Rodrigues de Brito. – Campina Grande, 2014.
75 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior".
Referências.

1. Estruturação Urbana – Centralidade – Campina Grande (PB). 2. Reestruturação e Desconcentração Urbana. 3. Espaço Urbano - Mudanças. 4. Geografia Urbana. I. Souza Júnior, Xisto Serafim de Santana de. II. Título.

CDU 911.375.4(043)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UAG
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA - CGEO

BANCA EXAMINADORA DE: LAÍS RODRIGUES DE BRITO

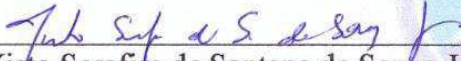
**TÍTULO: A RELAÇÃO CENTRO E CENTRALIDADE NA
ESTRUTURAÇÃO URBANA DE CAMPINA GRANDE - PB**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
Curso de Licenciatura em Geografia**

Campina Grande (PB), 31 de março de 2014.


Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior (UFCG) (orientador)


Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz (UFCG) (examinador)


Profa. Dra. Martha Priscila Bezerra Pereira (UFCG) (examinador)

Universidade Federal de Campina Grande
Rua Aprígio Veloso, 882, Cidade Universitária
Campina Grande-PB, 58429-140. Bloco BC 2. Telef. da UAG: 83. 2101 - 1722

*Dedico este trabalho aos meus entes queridos: à minha mãe **Jaiza Rodrigues Costa** com quem passei os mais intensos momentos de minha vida. Ao meu pai, **João Pedro de Brito**, que tudo fez para que seus filhos estudassem. Sua honestidade, dedicação ao trabalho e à família é para mim lição de vida. Aos meus irmãos, **Laelson Rodrigues de Brito e Larissa Rodrigues de Brito**, com os quais sempre dividi minha vida acadêmica. Ao meu esposo, **Elder da Silva Campos**, exemplo de perseverança e confiança, quem sempre me incentivou nos momentos de desânimo e ao meu filho, **William Emanuel de Brito Campos**, pelos momentos roubados.*

Amo a todos vocês!

AGRADECIMENTOS

Do início deste trabalho até os instantes em que escrevo essas linhas, muitos foram os momentos de descobertas, limitações, angústia, alegrias, crescimento, satisfação, insatisfação e recompensa compartilhados entre amigos, professores e familiares. A cada momento vivido, um passo à frente na vida. Diante destas palavras, gostaria de agradecer às pessoas que contribuíram de todas as formas para a realização deste trabalho, a todos meus sinceros agradecimentos. Em especial destaco,

À Deus por ter estado sempre ao meu lado, me guiando e sustentando nos momentos difíceis.

Ao professor Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior por sua orientação sempre presente. Sou grata por ter acreditado no meu potencial ao longo desses quatro anos de curso, pelos ensinamentos que hoje se refletem no meu engrandecimento acadêmico. Acima de tudo agradeço-lhe os valores humanos e profissionais os quais foram passados silenciosamente, sem que o percebesse.

Aos professores da banca Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz (UAG /UFCEG) e Martha Priscila Bezerra Pereira (UAG /UFCEG)), pela disponibilidade e paciência em ler meu trabalho contribuindo com ricas sugestões.

Aos integrantes do Gids¹, grupo de pesquisa do qual faço parte, pelos saberes e experiências compartilhados ao longo da graduação.

Aos professores e funcionários da UAG – Unidade Acadêmica de Geografia, pelos ensinamentos e atenção (Professores: Sérgio Malta, Martha Priscila, Kátia Ribeiro, Thiago Romeu, Sonia Lira, Eugênio Carvalho, Lincoln Diniz, Sérgio Murilo, Janaina Barbosa, Débora Coelho e Aline Barbosa. Funcionários: Simone e Marcelo).

Ao CNPq² pelo financiamento e concessão da bolsa PIBIC³ executada no período de 2012.2 a 2013.1.

À sociedade campinense pela receptividade e participação na pesquisa, em especial àqueles que responderam aos questionários e entrevistas.

¹ Grupo de Pesquisa Integrada em Desenvolvimento Sócio territorial.

² Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

³ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

Aos amigos conquistados na graduação, Valéria Sousa, Jefferson Oriente, Rayla Valério e Edilson Ramos, com os quais dividi minha vida. Com vocês meus problemas fizeram-se menores.

À Amanda, colega do pré-vest UEPB, sua influência me levou a descobrir uma nova paixão: A Geografia.

Ao meu pai João Pedro de Brito, o qual mesmo em meio às dificuldades, sempre arranjava uma forma de arcar com os gastos dos nossos estudos. E aos meus irmãos Laelson Rodrigues e Larissa Rodrigues por terem sido minha inspiração diária.

Ao término dos agradecimentos gostaria de agradecer a minha mais nova família, pedaços de mim: Elder Campos, amigo, namorado, esposo; pela dedicação, compreensão e ajuda que me deu em todas as horas e por entender e suportar meus momentos de angústia e ausência. Obrigada por não permitir que eu viesse a esquecer dos meus sonhos. E a William Emanuel, meu filho querido, razão hoje do meu crescimento.

E por fim, a tantas outras pessoas que direta ou indiretamente contribuíram com a conclusão deste trabalho. Meu muito obrigada!

RESUMO

Caracterizada como a segunda cidade mais importante do Estado da Paraíba, Campina Grande tem passado por fortes mudanças em seu espaço urbano, especialmente no que diz respeito a reestruturação de seus objetos e funções. Tal afirmação foi observada nos resultados da pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida entre 2012/2013 que apontaram para o fato de que, ao contrário dos eventos que marcaram as primeiras décadas do século XX, os quais foram responsáveis pela formulação de um movimento centrípeto das funções espaciais evidenciadas em seu espaço, a atual conjuntura urbana da cidade tem sido caracterizada por um movimento centrífugo, marcado pela descentralização de suas principais funções urbanas. Foi com base nesse quadro de referência que resolvemos elaborar um trabalho voltado para analisar as consequências espaciais do processo de descentralização dos objetos e funções do espaço urbano campinense. Para isto, utilizamos como referencial metodológico os fundamentos da pesquisa qualitativa desenvolvida a partir da análise de questionários. Os resultados apontaram para a observação de que o crescimento das respectivas atividades de comércio, educação, saúde, moradia e lazer, principalmente as três primeiras, tem sido responsável pelo surgimento de áreas especializadas no espaço urbano campinense, colocando em xeque a concepção de centralidade.

Palavras-chave: Centralidade, Reestruturação e Desconcentração urbana.

ABSTRACT

Characterized as the second most important city of Paraíba's state, Campina Grande has undergone strong changes in its urban space, especially as regards the restructuring of its objects and functions. Such statement was seen in the results of Scientific Initiation developed between 2012/2013 which pointed to the fact that, unlike the events that marked the early decades of the twentieth century, which were responsible for the formulation of a centripetal movement of spatial functions evidenced in its space, the current urban environment of the city has been characterized by a centrifugal movement, marked by the decentralization of its main urban functions. It was based on this framework that we decided to prepare a work aimed to analyze the spatial consequences of the decentralization of the objects and functions of Campinense's urban space process. For this, we used the grounds as a methodological qualitative framework research developed from the questionnaires' analysis. The results point to the growth of their trade activities, education, health, housing and leisure, especially the first three, has been responsible for the emergence of specialized areas in Campinense's urban space, jeopardizing the conception of centrality.

Keywords: Centralization, urban restructuring and devolution.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO I	
CENTRO E CENTRALIDADE: UMA REVISÃO CONCEITUAL NO ENTENDIMENTO DA REESTRUTURAÇÃO URBANA.....	20
CAPÍTULO II	
QUEM TE VÊ NÃO TE CONHECE MAIS: O PROCESSO DE FORMAÇÃO E DE DESCONCENTRAÇÃO URBANA EM CAMPINA GRANDE E SUA INFLUÊNCIA NA REESTRUTURAÇÃO ESPACIAL.....	28
2.1 Descentralização: um resgate histórico sobre a difusão das atividades no espaço urbano de Campina Grande ao longo das décadas.....	38
CAPÍTULO III	
A OPINIÃO DOS PESQUISADOS COMO ELEMENTO CHAVE NA REDEFINIÇÃO DE NOVOS ESPAÇOS CENTRAIS.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	65
APÊNDICES.....	68
ANEXOS	73

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Estação de Campina Grande – 1907.....	30
Figura 02: Estação de Campina Grande (1907) – Multidão à espera do trem	30
Figura 03: Avenida Floriano Peixoto no início da década de 1940.....	32
Figura 04: Rua Venâncio Neiva em 1942 - processo de pavimentação do Centro da cidade de Campina Grande.....	32
Figura 05: Demolições e construções: As transformações no Centro de Campina Grande de 1930 a 1940.....	34
Figura 06: Espaço urbano de Campina Grande em 1970.....	39

LISTA DE ESQUEMA

Esquema 01: Representação dos movimentos centrípeto e centrífugo na reestruturação urbana de Campina Grande.....	37
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

LISTA DE MAPAS

Mapa 01: Localização do município de Campina Grande em relação às principais rodovias da Paraíba.....	31
Mapa 02: Concentração do comércio automotivo no Centro Tradicional de Campina Grande na década de 1990.....	41
Mapas 03 (3a): Espacialização das centralidades a partir dos serviços no espaço urbano de Campina Grande – <i>Centralidade comercial</i>	54
Mapas 03 (3b): Espacialização das centralidades a partir dos serviços no espaço urbano de Campina Grande – <i>Centralidade do lazer</i>	54
Mapas 03 (3c): Espacialização das centralidades a partir dos serviços no espaço urbano de Campina Grande – <i>Centralidade educacional</i>	55
Mapas 03 (3d): Espacialização das centralidades a partir dos serviços no espaço urbano de Campina Grande – <i>Centralidade médico-hospitalar</i>	55
Mapa 04: Centralidade da moradia em Campina Grande: bairros que concentram maior número de condomínios fechados.....	57
Mapa 05: Centralidade da moradia em Campina Grande: bairros que concentram maior número de residências de baixo, médio e alto poder aquisitivo.....	58
Mapa 06: Os novos espaços centrais: construído a partir do discurso do entrevistado I.....	61
Mapa 07: Os novos espaços centrais: construído a partir do discurso do entrevistado II.....	61

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1a e 1b: Centralidade educacional: nível de coesão das instituições de ensino em Campina Grande.....	47
Gráficos 2a e 2b: Nível de coesão dos principais ambientes que prestam serviços médico-hospitalares em Campina Grande.....	48
Gráficos 3a e 3b: Nível de coesão dos mais atrativos ambientes comerciais de Campina Grande.....	49
Gráficos 4a e 4b: Nível de coesão dos ambientes próprios ao lazer em Campina Grande.....	52

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A: Modelo de questionário aplicado à sociedade campinense.....	69
APÊNDICE B: Modelo de roteiro de entrevista aplicado aos representantes dos segmentos sociais da cidade.....	72

LISTA DE ANEXO

ANEXO A – Termo de compromisso livre e esclarecido	74
----------------------------------------------------------	----

INTRODUÇÃO

O debate sobre as práticas socioespaciais responsáveis pela reestruturação dos espaços urbanos vem ganhando uma importância cada vez maior entre os diversos segmentos da sociedade civil organizada. Em Campina Grande este processo se materializa no momento em que a sua dinâmica urbana começa a passar por intensivos processos de transformações em sua estrutura, especialmente no que se refere ao ordenamento urbano, sendo um desses processos a desconcentração socioespacial - funções espaciais espalhadas de forma difusa no espaço. Tal fato tem colocado em xeque o futuro sustentável dos ambientes urbanos

Dessa forma, pensar a produção de um espaço urbano remete a necessidade de ações que influenciam no processo dialético de sua organização, especialmente no que se refere ao debate em torno do binômio centro-centralidade e estrutura-estruturação. Partindo da Teoria das Localidades Centrais proposta por Walter Christaller, a pesquisa tem como objetivo geral analisar como se processa a influência da relação centro e centralidade na estruturação urbana da cidade de Campina Grande-PB, propondo assim realizarmos uma análise teórico-conceitual que possibilite fundamentar cientificamente o tema proposto para estudo. Nesse sentido, os objetivos específicos da pesquisa são: identificar as principais centralidades existentes na cidade de Campina Grande; analisar e identificar os principais espaços centrais e analisar os fatores que favorecem o surgimento dos novos centros e centralidades no espaço campinense.

Este trabalho, mais do que uma monografia, busca atender as inquietações pessoais em virtude das evidentes transformações pelas quais vem passando o espaço urbano de Campina Grande. O interesse pelo urbano e pela temática surgiu inicialmente nas reuniões do Grupo de Estudos em Desenvolvimento Urbano –GEDURB – o qual fiz parte ao longo da graduação. Foi através dos debates promovidos pelo grupo e nos desafios apresentados pelo professor Xisto Souza Júnior que surgiram as inquietações que mais tarde fundamentaram o projeto encaminhado ao Programa de Iniciação Científica da Universidade Federal de Campina Grande (PIBIC/UFCG) desenvolvido no período de 2012.2 a 2013.1, sendo posteriormente as informações transformadas em Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

No que diz respeito a sua caracterização, Campina Grande está inserida na região do Agreste paraibano. A sua localização associada ao próprio processo de consolidação

espacial confere a cidade uma importância para o contexto socioespacial das cidades que a circundam, especialmente no que se refere a oferta dos mais diversificados serviços. Tal conjuntura tem influenciado no processo de desconcentração espacial, em que parte de suas atividades e serviços tendem a migrar para novas áreas centrais, afastadas do eixo polarizador do Centro-Tradicional, sendo este o viés analítico selecionado nesta pesquisa de conclusão de curso.

Dessa maneira, a partir da delimitação dos objetivos geral e específicos, assim como do recorte espacial apresentado, a pesquisa esteve fundamentada no uso de procedimentos quali-quantitativos. No que tange aos procedimentos qualitativos, o material disposto para desenvolver o presente trabalho partiu de um levantamento de literatura específico sobre o processo de reestruturação urbana e de descentralização da cidade de Campina Grande. Por meio deste aporte trabalhou-se também com a análise de discurso em que se buscou, a partir da realização de entrevistas com representantes de segmentos sociais da cidade, identificar os diferentes arranjos do território campinense.

O procedimento quantitativo deu-se através da aplicação de questionários à sociedade e da coleta de informações junto a órgãos oficiais, a exemplo do IBGE e IDEME. No que diz respeito aos questionários, essa técnica foi utilizada em dois momentos distintos da pesquisa -o primeiro em Novembro de 2012 e o segundo no primeiro semestre de 2013, como forma de identificar as novas centralidades no espaço urbano de Campina Grande, assim como o nível de coesão das mesmas. Tanto no primeiro momento quanto no segundo foram aplicados 30 questionários em pontos distintos da cidade – *Shopping Edson Diniz, Calçada Cardoso Vieira, Rua João Pessoa e Terminal Integrado, Praça da Bandeira, Rodoviária Nova, Rodoviária Velha, UFCG e Bairro das Malvinas*, todas as respectivas áreas mencionadas são localidades que apresentam coesão.

Estando organizado em duas etapas, o referido recurso foi estruturado com o intuito de nos fornecer grupos distintos de informações. No primeiro conjunto de questionamentos apuramos dados pessoais dos sujeitos abordados. Já no segundo, as questões elaboradas tiveram por intuito revelar as novas centralidades (vide apêndice). Ao término da análise das entrevistas e dos questionários foi elaborado um conjunto de mapas temáticos da cidade de Campina Grande com o objetivo de especializar as informações obtidas.

Dessa forma, o presente trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado “*Centro e centralidade: Uma revisão conceitual no entendimento da*

reestruturação urbana”, além de abordar alguns aspectos específicos a respeito do processo de reestruturação do espaço urbano, trata também da discussão teórica – conceitual, pautado no estudo da Teoria das Localidades Centrais. O capítulo propõe resgatar e relacionar os conceitos de centro, centralidade, desconcentração, estrutura, estruturação e reestruturação.

O segundo capítulo, intitulado “*Quem te vê não te conhece mais: O processo de formação e de desconcentração urbana em Campina Grande e sua influência na reestruturação espacial*”, revela como se deu ao longo das décadas o processo de desconcentração dos serviços e atividades no espaço urbano de Campina Grande a partir da reestruturação urbana.

Já o terceiro e último capítulo, intitulado “*A opinião popular como elemento chave na redefinição de novos espaços centrais*”, aborda os resultados obtidos a partir dos dados oficiais, questionários e análise de discurso das entrevistas. Desse modo, consistirá na espacialização das principais centralidades presentes em Campina Grande.

Finalmente, mais do que um ponto de chegada, os resultados aqui obtidos como consequência de dois anos de investigação junto à Iniciação Científica, apontam para possíveis desdobramentos a serem desbravados em outro momento, entre os quais evocamos o próprio desafio em redefinir a ideia de centralidade no âmbito da Geografia.

CAPÍTULO I

CAPÍTULO I

CENTRO E CENTRALIDADE: UMA REVISÃO CONCEITUAL NO ENTENDIMENTO DA REESTRUTURAÇÃO URBANA

“A cidade atrai para si tudo o que nasce da natureza e do trabalho, noutros lugares: frutos e objetos, produtos e produtores, obras e criações, atividades e criações. O que ela cria? Nada. Ela centraliza as criações. E, no entanto ela cria tudo. Nada existe sem troca, sem aproximação, sem proximidade, isto é sem relações.”
(LEFEBVRE, 1999, p.111)

O processo de reestruturação urbana no Brasil está diretamente associado às relações socioespaciais desenvolvidas pelos diferentes segmentos sociais. Tais relações, ao contrário do que é estipulado por muitos pesquisadores, não se dão apenas no âmbito da conjuntura socioeconômica, mas também nas relações e influência de ordem jurídico, político e ideológico. Por sua vez, a complexidade inerente a estas inter-relações, especialmente nas décadas recentes, tem despertado o interesse dos geógrafos no que se refere tanto a suas origens quanto aos novos desafios evidenciados, dentre os quais o debate sobre os processos urbanos representados na dialética centralidade-descentralidade por ganhar uma expressividade maior entre os profissionais que estudam o urbano.

Em decorrência disso, o estudo sobre o urbano tem produzido fortes contradições entre os pesquisadores, fato este que tem dificultado a formulação de uma base teórico-conceitual que sustente a explicação de como se efetiva a produção, o consumo e a apropriação do espaço urbano. Uma dessas contradições é justamente a compreensão do que seria o processo de reestruturação do espaço urbano a partir da análise da dialética centro-centralidade e centralização-descentralização.

Por espaço compreendemos, segundo as concepções de Santos (1997, p.51), “*o conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá*”. O urbano, por sua vez, se apresenta como o “*locus de reprodução da força de trabalho cuja dinâmica está vinculada ao modo de produção e associa-se as relações de poder particulares*” (SOUZA, 2000), sendo assim, um produto social. Nesse contexto, o urbano corresponderia ao campo onde as relações sociais se encontram em “ebulição” (SOUZA JÚNIOR, 2008). Em outras palavras, seria o espaço onde se efetivam as contradições sociais e onde a sociedade deixa transparecer a sua complexidade, abrangendo uma dimensão, densidade e heterogeneidade (CASTELLS, 2000).

Dessa forma, somos de acordo com o posicionamento de Villaça (2001) ao afirmar que o uso do conceito de espaço urbano é inapropriado para estudar estas realidades socioespaciais que ocorrem nas cidades (independente de seus tamanhos). Conforme mencionado pelo autor, acreditamos ser mais apropriado o uso do termo **espaço intra-urbano** enquanto concepção que possibilite a compreensão das complexidades socioespaciais evidenciadas hoje em dia nos ambientes urbanos. Já no que se refere às mudanças socioespaciais produzidas em escala regional, nacional ou planetária, entendemos

ser mais apropriado o termo configuração territorial ou mesmo espaço urbano enquanto forma de compreensão das realidades espaciais evidenciadas nessas escalas.

Isto posto, o que viria a ser então a estruturação/ reestruturação urbana? De acordo com a nossa concepção estes termos correspondem ao processo que interfere, ao longo de um tempo, na configuração do espaço intra-urbano, ou seja, no espaço das práticas espaciais. Tais processos só podem ser evidenciados na escala onde as relações sociais se fazem presentes uma vez que são influenciados, simultaneamente, por fatores econômicos (força de trabalho e produção), políticos (relações de poder) e ideológicos (processo histórico de formação socioespacial), conforme já evidenciado por Souza Júnior (2008).

Nesse contexto, a estruturação/ reestruturação do espaço intra-urbano se apresenta, segundo Villaça (2001, p. 21) como um fenômeno normal decorrente da luta de classes, resultante do *“deslocamento do ser humano enquanto portador da mercadoria força de trabalho ou enquanto consumidor”*. Na concepção deste autor, tais processos, refletidos nas segregações evidenciadas no espaço a partir da apropriação do mesmo, têm na localização um importante indicador da evidência de mudanças socioespaciais. Espraia-se, portanto, a relação direta com as noções de centro e centralidade – quando são evidenciados movimentos centrípetos – e descentralização ou multicentralidades – quando são evidenciados os movimentos centrífugos, conforme será observado mais detalhadamente no próximo capítulo.

“Dois empreendimentos são aqui possíveis. O primeiro vai do mais geral ao mais singular (das instituições para a vida quotidiana) e descobre então a cidade como plano específico e como mediação privilegiada (relativamente). O segundo parte desse plano e constrói o geral utilizando os elementos e significações do observável urbano. Esta segunda hipótese procede da mesma maneira para atingir, sobre o observável, o ‘privado’, a vida quotidiana dissimulada: seus ritmos, suas ocupações, sua organização espaço-temporal, sua ‘cultura’ clandestina, sua vida subterrânea” (LEFEBVRE, 2001, p. 61).

O fato é que, se de um lado este processo pode estar diretamente relacionado à moradia, conforme evidenciam Villaça (2001), Seabra (2004) e Castells (2000), ou ao deslocamento; por outro lado, de acordo com Carlos (2001) e Seabra (2004), a reestruturação urbana se evidencia também através da criação de identidade com o espaço, a qual, produzida no cotidiano do indivíduo, não necessariamente se materializa (mudança das funções dos objetos). Conforme já observado por Castells (2000), a reestruturação pode, nesta concepção, se apresentar na própria relação social que condiciona o uso do espaço. Em outras

palavras, a reestruturação vai além das mudanças na funcionalidade dos objetos, uma vez que, se materializa nos efeitos provocados por tais mudanças na medida em que se configura como ideologia ou intencionalidade (SOUZA JÚNIOR, 2008).

Nesse contexto, é evidente que a segregação reproduz a relação entre dominantes e dominados – relação fundamental para a estruturação/ reestruturação do espaço urbano. Sobre esta relação, Santos (1986) nos fornece a seguinte contribuição:

“A sociedade se transforma em espaço através de sua redistribuição sobre as formas geográficas, e isto ela o faz em benefício de alguns e em detrimento da maioria; ela também o faz para separar os homens entre si atribuindo-lhes um pedaço de espaço segundo um valor comercial: e o espaço mercadoria vai aos consumidores como uma função do seu poder de compra” (SANTOS, 1986, p. 213).

Tendo esta contribuição de Santos como ponto de partida, o que os consumidores compram no espaço? Concordamos com Villaça (2001) ao afirmar que o comprado é justamente a localização, uma vez que, esta influencia na circulação e, conseqüentemente, reflete na própria distribuição espacial, resultando na evidência da segregação como reflexo da estruturação/reestruturação do espaço urbano.

Para finalizar, é importante deixarmos também que a segregação pode ocorrer tanto de forma voluntária – são os processos segundo os quais, determinada classe seleciona o tipo de espaço que vai ocupar e territorializar suas relações; como de forma involuntária – quando uma determinada classe ou segmento é praticamente obrigada a ocupar um espaço que não o desejado. Nessa perspectiva, é importante deixar evidenciado que a segregação corresponde diretamente a territorialização e desterritorialização de diferentes setores do espaço urbano. Ao mesmo tempo em que reflete o domínio (territorialização) de uma determinada classe, acaba produzindo a conseqüente desterritorialização (dos dominados) de outro segmento que, utilizando de uma definição do Haesbaert (2004, p.313), se configuram como “aglomerados humanos de exclusão”.

A discussão sobre centro e centralidade na Geografia, por sua vez, teve início a partir da Teoria das Localidades Centrais, formulada por Walter Christaller em 1933, a partir de um estudo de caso no Sul da Alemanha. Após Christaller, inúmeros estudiosos de renome como Henri Lefebvre (1999), Manuel Castells (2000), além de outros que desenvolveram pesquisas sobre a produção social do espaço urbano durante a segunda metade do século

XX, passaram a discutir a centralidade dentro do urbano e avaliar seus fundamentos em diferentes espaços.

A Teoria de Christaller gerou desdobramentos entre pesquisadores quanto ao estudo da centralidade, produzindo elementos que foram assimilados e aproveitados por aqueles que vieram a compor a chamada Escola de Chicago, os quais utilizaram essa teoria, que se refere à escala de Rede Urbana, para a análise do espaço intraurbano, produzindo modelos interpretativos, como o das “Áreas Concêntricas” de Burgess, em 1923, o dos “Setores” de Hoyt, em 1939, e o dos “Núcleos Múltiplos” de Harris e Ullman, em 1945. (BATISTA 2001 apud SILVA, 2006, p.52)

Tratando da importância dos centros urbanos enquanto locais de distribuição varejista e de prestação de serviços para uma população residindo fora dos seus limites, tal Teoria fez propagar a revisão dos conceitos de centro e centralidade até então existentes, pondo em xeque outros demais. A partir daí, inúmeras outras concepções surgiram, intensificando as produções teóricas neste campo do conhecimento. Entre as concepções desenvolvidas, destaca-se a noção de centro e centralidade que parte previamente dos conceitos de estrutura e estruturação urbana.

Torna-se importante resgatar a ideia de que estrutura está associada a uma totalidade articulada composta por um conjunto de relações internas e estáveis que determinam a função que os elementos desempenham dentro desta totalidade Harnecker (1981). Ao tempo em que por estruturação urbana SILVA (2001) compreende o processo de modificação contínua das estruturas urbanas, sendo estes apenas recortes espaciais desta dinâmica. Logo, reestruturação é entendida como uma ruptura de tendências seculares que evocam uma combinação sequencial de desmoronamentos e construção, de desconstrução e de tentativa de reconstrução.

Os elementos, estrutura, estruturação e reestruturação, por evidenciarem a forma urbana, fazem-se necessários ao estudo da centralidade entendida como um movimento dialético que a constitui e a destrói, que centraliza/descentraliza/recentraliza (LEFEBVRE, 1999; SILVA, 2001, p.111).

Não limitando-se a uma atividade de consumo, podendo ser também produtiva, a centralidade age aproximando e aglomerando os elementos de produção. Segundo Lefebvre (1999), é na centralidade urbana que se encontra o elemento que realiza a ligação com as demais partes da cidade, este acrescenta:

“A cidade atrai para si tudo o que nasce da natureza e do trabalho, noutros lugares: frutos e objetos, produtos e produtores, obras e criações, atividades e criações. O que ela cria? Nada. Ela centraliza as criações. E, no entanto ela cria tudo. Nada existe sem troca, sem aproximação, sem proximidade, isto é sem relações.” (LEFEBVRE, 1999, p.111)

Tal movimento dialético produzido no interior das cidades é concebido de modo drástico, levando a inúmeros conflitos. A origem de uma centralidade ou seu deslocamento é precedida de disputas, injustiças e modificações. As transformações dela proveniente afetam prioritariamente a forma urbana, gerando espaços segregados, hierarquias e desigualdades. Sobre o modo peculiar de agir das centralidades, Lefebvre (2008) ressalta que a mesma possui o seu movimento dialético de acordo com o qual o centro ainda apresenta-se como elemento impulsionador do urbano.

“Ela [a centralidade] se impõe. Não existe realidade urbana sem centro, quer se trate do centro comercial (que reúne produtos e coisas), do centro simbólico (que reúne significações e as torna simultâneas), do centro de informação e de decisão etc. Mas todo centro destrói-se a si próprio. Ele se destrói por saturação; ele se destrói porque remete a outra centralidade; ele se destrói na medida em que suscita a ação daqueles que ele exclui e expulsa para as periferias.” (LEFEBVRE, 2008, p. 85).

Ainda a respeito das centralidades Sposito (2001, p.238) afirma ser esta redefinida continuamente, inclusive em escalas temporais de curto prazo, pelos fluxos que desenham através da circulação das pessoas, das mercadorias, das informações, das ideias e dos valores. Reforça sua afirmação, tratando da relação centro e centralidade, admitindo que não é possível discutir a implantação de loteamentos e periferação sem falar de centro/centralidade; falta de equipamentos e infraestrutura urbana, sem falar de concentração destas melhorias no centro; espaço da reprodução da força de trabalho, sem falar no espaço de circulação e de produção de serviços; de verticalização, sem tocar na questão da centralidade simbólica. (SPOSITO, 1991, p. 05)

De fato, semelhante à centralidade em termos de importância funcional, tem-se o centro. Este também tem sido alvo de várias abordagens, entretanto, nos detemos em evidenciar apenas duas concepções, a de Lefebvre por intermédio de Silva (2001) e a de Manuel Castells (2000), por compreendermos que o entendimento de ambos subsidiou a compreensão da própria dinâmica urbana.

De acordo com Silva (2001), as centralizações antes vistas nas cidades constituem áreas centrais, fato este que resulta numa articulação diferenciada nos usos do solo. As áreas centrais, deste modo, expressam por sua vez centralidades urbanas, as quais podem ser múltiplas numa mesma cidade, sendo estas entendidas a partir dos fluxos que geram de

pessoas, de automóveis, de capitais, de decisões, de informações e mercadorias (SILVA, 2001, p.108).

Logo, a forma do espaço urbano fixo caracterizado por provocar concentração e dispersão é subentendida por Silva como centro. Com uma visão sociológica, o termo centro urbano é apresentado por Manuel Castells a partir de outro viés: *o conteúdo*. Para Castells (2000), o termo centro urbano designa ao mesmo tempo um local geográfico e um conteúdo social, na medida em que exprime mais um conteúdo do que uma forma.

Ainda sobre a questão da “Área central” SANTOS (1959) em seu estudo sobre o *Centro da cidade de Salvador*, descreve as peculiaridades desses ambientes observando que não existe apenas um tipo de centro urbano, uma vez que, a instituição deste varia tanto do ponto de vista formal como em seu conteúdo:

“Há centros de cidades formados de velhas construções e outros de edifícios recentes; há centros de cidade constituídos de arranha-céus e outros de casas térreas. Há os que ainda misturam atividades comerciais do andar térreo dos prédios e residências nos demais pavimentos, enquanto em outros aparece o tipo “city”, quarteirões inteiramente desprovidos de vida noturna e que durante o dia vivem numa agitação ininterrupta. Tais fatos são resultantes da maior ou menor complexidade do fenômeno urbano, do peso maior ou menor da história, mas não deixam de constituir “nuances” ainda mais realçada na paisagem pelos aspectos culturais e históricos da elaboração urbana.” (SANTOS, págs. 17-18. 1959).

Nas considerações, os autores apresentam concepções distintas acerca de centro urbano, enquanto Lefebvre prioriza a forma em sua definição, Castells destaca o conteúdo. Já Santos (2009), por sua vez, pensa em torno dos termos *forma e conteúdo*. Para o autor, o binômio forma-conteúdo não pode ser entendida em seus significados isolados, uma vez que se tornam auto dependentes, por unirem o passado e o futuro, o objeto e o sujeito, o natural e o social. Tal ideia supõe o tratamento analítico do espaço como um conjunto inseparável de sistemas de objetos e sistemas de ações (SANTOS, 2009, p. 102 e 103).

Dentre os conceitos abordados que se fizeram fundamentais para o melhor desempenho da presente pesquisa, cabe ressaltar outros dois, *socioespacial e sócio-espacial*. Sobre estes últimos, Souza (2013) estabelece distinções quanto à grafia. O primeiro refere-se à estrutura (a materialidade) em que o “social” meramente qualifica o “espacial”, ou seja, não faz referência direta às relações sociais, ao contrário do segundo, no qual o “sócio” é um indicativo de que se está falando, direta e plenamente, de relações sociais.

Por fim trabalharemos também com o termo *desconcentração*, por descrever bem os padrões contemporâneos de desenvolvimento. Para Gottidiener (1993), a desconcentração

refere-se ao aumento absoluto de população e à densidade de atividades sociais em áreas fora das tradicionais regiões citadinas e dos centros populacionais. Ao seu ver, o processo de desconcentração implica tanto um movimento sócio-econômico que sai das cidades centrais mais antigas para as mais afastadas – descentralização- quanto o surgimento de aglomerações tipo cidade e a formação de densidade social em áreas afastadas (GOTTIDIENER, 1993, pág.19).

CAPÍTULO II

CAPÍTULO II

QUEM TE VÊ NÃO TE CONHECE MAIS: O PROCESSO DE FORMAÇÃO E DE DESCONCENTRAÇÃO URBANA EM CAMPINA GRANDE E SUA INFLUÊNCIA NA REESTRUTURAÇÃO ESPACIAL

*“Alô Alô minha Campina Grande
Quem ti viu e quem te vê não te conhece mais [...]”
(Jackson do Pandeiro)*

Ao longo da história, a situação geográfica de Campina Grande foi um elemento favorável ao seu processo de desenvolvimento territorial, por apresentar-se como eixo centralizador de um amplo território responsável pelo escoamento dos produtos da região (SILVA JUNIOR, 2009, p. 12 a 13). Os recursos referentes à economia, formação acadêmica e saúde transformaram Campina Grande em uma cidade com forte importância regional, por atrair tanto as populações vizinhas que circundam o município como, de um modo geral, a população residente em outras áreas do estado. Paralelamente a esta dada importância, tem-se observado, no decorrer dos anos, intensas mudanças na estruturação do seu espaço urbano.

As mudanças na estrutura de Campina Grande começa a apontar em meados do século XX, momento este em que a mesma passa por dois grandes ciclos econômicos: o ciclo do algodão e o processo de industrialização. Tais atividades aliadas à chegada do trem em 1907 (Figura 01) e, posteriormente com a construção da rodovia que corta o estado no sentido Leste-Oeste (atual BR230), atraíram à cidade os mais variados contingentes populacionais da região, que veem no espaço urbano uma possibilidade de melhoria das condições de vida, e, sobretudo da renda. Sobre este último evento, vide mapa 01 referente às BRs 230 e 104, as quais são responsáveis por interligar Campina Grande a outras importantes rodovias da região Nordeste.

Figura 01



Figura 02



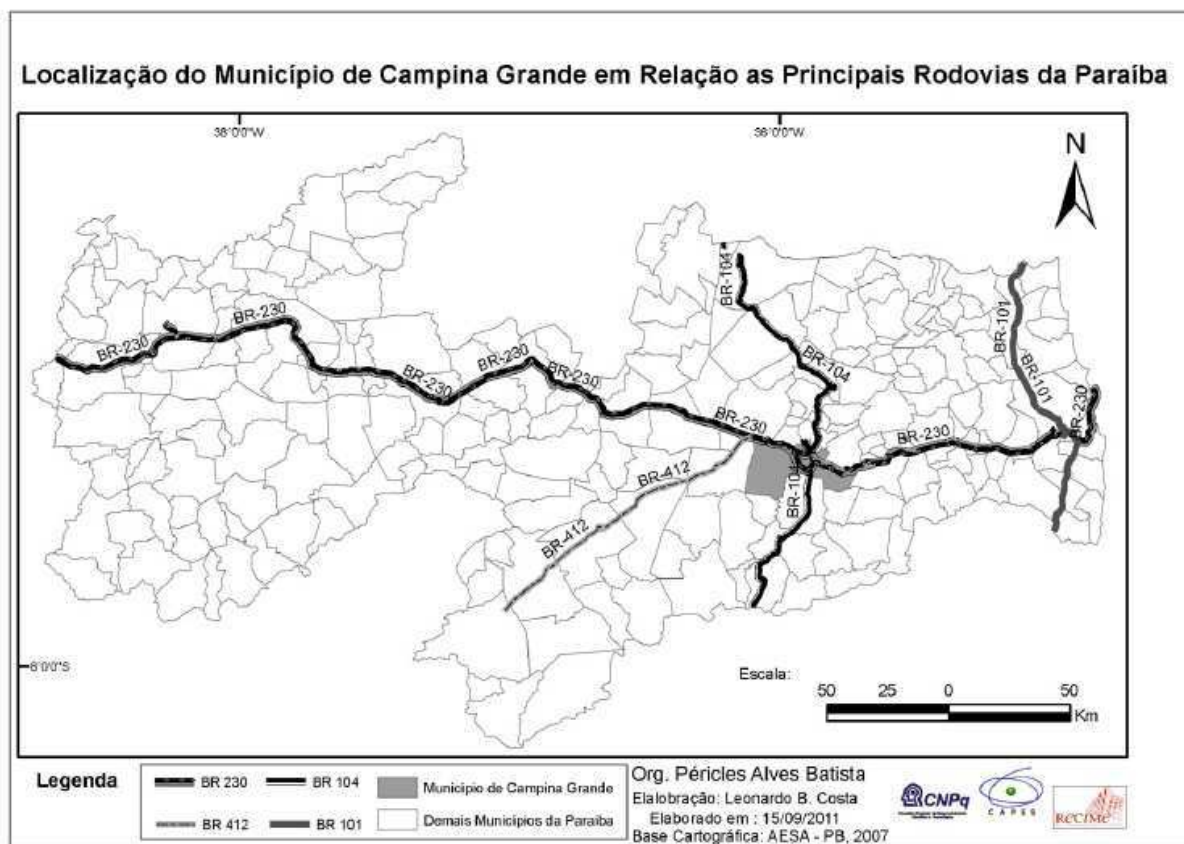
Figuras 01 e 02

Local: Estação de Campina Grande

Obs.: Figura 02: Multidão à espera do trem em 1907.

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/>. Acessado em Fevereiro de 2014.

Mapa 01



Fonte: BATISTA, Péricles Alves (2011, p.31)

Para abrigar a grande demanda populacional tornou-se necessário a redefinição do espaço urbano. De acordo com Silva Júnior (2009), tal reconfiguração urbanística teve sua origem na gestão de Vergniaud Wanderley, que procurou, através das mudanças estruturais, modernizar a cidade,

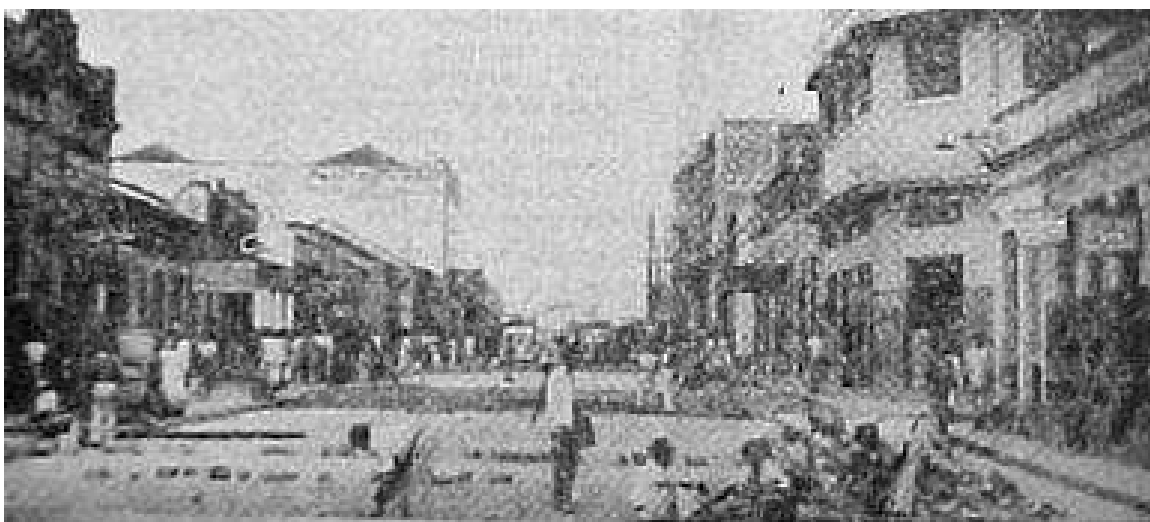
A tentativa de tornar Campina Grande um lugar aprazível “principalmente” para os moradores e visitantes mais “ilustres” desorganizou e desestruturou as práticas culturais de alguns grupos de habitantes, impondo-os aos insatisfeitos padrões de convivência marcados pela racionalidade burguesa de controle e “disciplinarização do espaço” (SILVA JUNIOR, 2009, pág. 16).

Na década de 1940 a cidade tomava feição de *urbs* moderna com a construção de edifícios e com reformas urbanas (vide figuras 03 e 04), marcos de uma cidade dinâmica e progressiva onde o crescimento urbano obedece a gabaritos elaborados por técnicos e através do qual foram estabelecidas as áreas funcionais ou zoneamento (CARDOSO, 2002 apud COSTA FILHO, 1960, p.242).

Figura 03**Figura 03**

Local: Av. Floriano Peixoto do início da década de 1940; a imagem retrata o momento de transição deste cenário de transformações quando ainda co-existiam Paço Municipal e Grande Hotel na mesma fotografia.

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com/>. Acessado em Fevereiro de 2014.

Figura 04**Figura 04**

Local: Rua Venâncio Neiva em 1942 - processo de pavimentação do Centro da cidade de Campina Grande, na segunda administração do prefeito Vergniaud Wanderley.

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com/>. Acessado em Fevereiro de 2014.

Vergniaud Wanderley nos anos 40 conseguiu executar novos planos para a cidade e dar continuidade às ações pensadas e iniciadas em administrações passadas. Assim como em seu primeiro mandato na década de 30, suas maiores investidas voltaram-se para a Rua Floriano Peixoto. Sobre as ações desta gestão QUEIROZ (2008) discorre,

Juntamente com a interventoria estadual, a municipalidade desapropriou dezenas de edificações para o seu prolongamento e para que aí fossem construídas edifícios públicos. A política do arrasa quarteirão foi utilizada para rasga-la no sentido nordeste e, majoritariamente, sudoeste. No caminho, demoliu dezenas de construções inclusive, a oitocentista Igreja do Rosário. Seu largo foi desarticulado e unido ao que fora o largo da Matriz e do Comércio Velho. Com a construção da nova sede para a prefeitura, o antigo Paço Municipal também foi abaixo, abrindo espaço para uma praça ao lado da Igreja Matriz, as margens da recém avenida aberta. Esse foi o conjunto de medidas mais emblemático visando o esquecimento da morfologia urbana do passado e a imposição de formas que adaptassem a cidade as consideradas necessidades e imagens dos tempos modernos. (QUEIROZ, 2008, p.174)

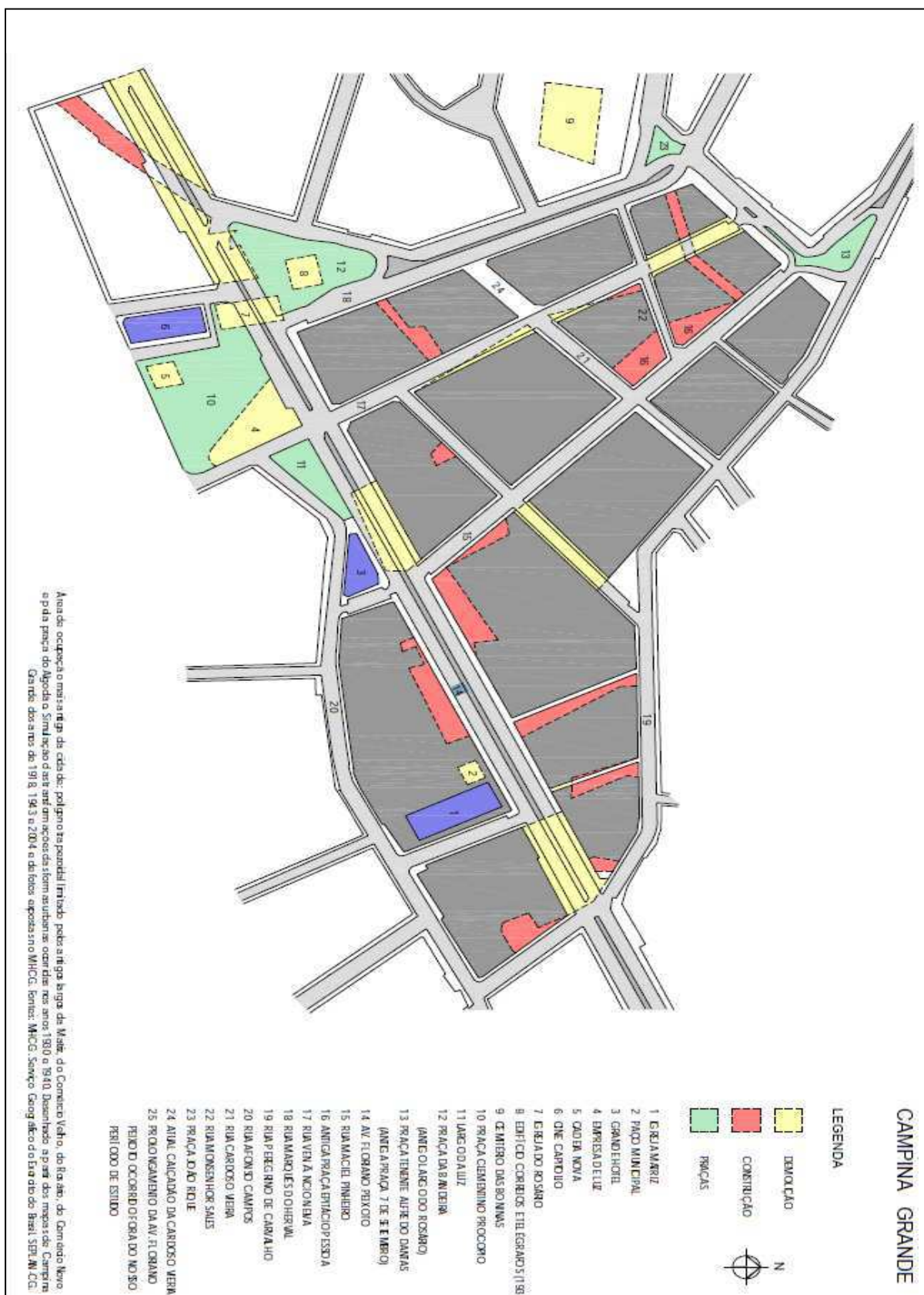
A partir deste momento de transformações surge a nova redefinição da ocupação do espaço, passando o pobre e o estado de pobreza a representar o “feio” no que se refere à configuração urbana (LEFEBVRE, 2001), sendo este destinado a ocupar localidades em que sua aparência não atrapalhasse a imagem do centro da cidade. Após a desapropriação da área central, as pessoas então inseridas na classe média e alta, segundo a classificação da época⁴, passam a ocupar também as periferias, deixando o centro apenas como o ambiente comercial, supervalorizando a cidade como o espaço da troca ou espaço mercantilizado.

A reestruturação do centro da cidade - o alargamento das avenidas, a transferência destruição e construções de prédios - torna-se necessária para a nova etapa comercial na qual a cidade estava vivenciando, conforme relato de historiadores⁵ (ver figura 05 referente às demolições e construções em Campina Grande nesse período). Tal processo representou uma nova etapa na reestruturação sócio-espacial de Campina Grande, uma vez que reproduz novas relações de trabalho dentro da dinâmica econômica da cidade.

⁴ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - 1940.

⁵ Informações coletadas por meio de depoimentos.

Figura 05 – Demolições e construções: As transformações no Centro de Campina Grande nos 1930 a 1940.



Fonte: QUEIROZ, 2008.

A crise da moradia, ocasionada pelo fenômeno da migração intra-regional no período de 1970 a 1991, fortaleceu ainda mais as mudanças na infraestrutura do espaço urbano campinense. Com os recursos arrecadados com a ruptura do padrão agrário tradicional de produção e da migração em direção às cidades, o estado intervém no processo de urbanização promovendo a renovação e reestruturação urbana (SILVA JÚNIOR, 2009, p. 23).

O programa de desapropriação da “população excedente” do centro da cidade, aplicado como forma de reestruturar o espaço, intensifica desordenadamente o processo de ocupação das periferias. A fragmentação involuntária, por sua vez, direciona a vasta massa populacional a lugares inadequados à habitação humana, gerando o inchaço periférico.

Essa medida adotada pelo governo incentivou a expansão urbana. Contudo, o crescimento deu-se de maneira desordenada, apresentando uma série de contrastes, confundindo-se áreas industriais com zonas comerciais e residências (CARDOSO, Amorim, 2002). A respeito da intervenção do Estado na cidade Carlos (2001) nos diz,

A ação do Estado – por intermédio do poder local – ao intervir no processo de produção da cidade reforça a hierarquia de lugares, criando novas centralidades e expulsando para a periferia os antigos habitantes, criando um espaço de dominação. Nesse nível de realidade o espaço produzido assume a característica de fragmentado, homogêneo e hierarquizado. (CARLOS, 2001, p.15)

Como consequência dos processos que culminaram na transformação da cidade a questão urbana campinense caracteriza-se, atualmente, por apresentar uma nova organização e formação de grupos sociais diferenciados. A crescente ampliação do espaço urbano tem provocado sérios problemas decorrentes da ocupação irregular de áreas inadequadas, sem infraestrutura por parte da população de baixa renda.

No que condiz a habitabilidade, áreas nobres próximas ao centro, na atualidade já não são tão cobiçadas como há algumas décadas passadas. As classes abastadas constituem moradias especiais- os condomínios, localizados nas periferias em busca de melhor infraestrutura (pouca poluição do ar e sonora, mais espaços verdes). Essas construções removem a população mais pobre para as áreas que apresentam, por vezes, mínimas condições de sobrevivência.

Essa segregação e desigualdade espacial significam que o uso do solo não é socializado. Assim, a cidade transforma-se no espetáculo do consumo, as ruas redimensionam-se e guardam outro conteúdo que elimina o lúcido, transformando-se em lugares de passagem. As grandes lojas e os shoppings

centers substituem o lazer, ou melhor, viram o lazer (OLIVEIRA, 2000, pág. 186).

Esse movimento referente ao deslocamento da população no espaço urbano de Campina Grande influencia em uma reorganização territorial dos seus bairros, com a presença de configurações diversificadas, expressas de forma organizada e planejadas em alguns setores (bairros recentes) e de forma irregular e até mesmo caótica em bairros mais antigos (PARAÍBA, 1985).

De acordo com levantamento realizado pelo Instituto do Desenvolvimento Municipal do Estado da Paraíba, a cidade de Campina Grande possuía, em 2003, 50 bairros (IDEME, 2003), nos quais a população encontrava-se bem distribuída com média de 5.000 moradores por bairro, com exceção de setes bairros que concentravam mais de 10 mil moradores: Cruzeiro (10.831), Jeremias (11.468), Santa Rosa (11.478), Bodocongó (13.129), Catolé (17.034), José Pinheiro (17.468) e Malvinas (36.454). Localizados na zona oeste, Bodocongó, Malvinas e Santa Rosa (58.763 hab.) formam um arco de influência a bairros como Pedregal e Centenário, sendo estes bairros os que concentram ocupações de baixo poder aquisitivo, embora, de acordo com observações em campo, a evidência de aglomerações subnormais seja uma realidade da totalidade urbana da cidade.

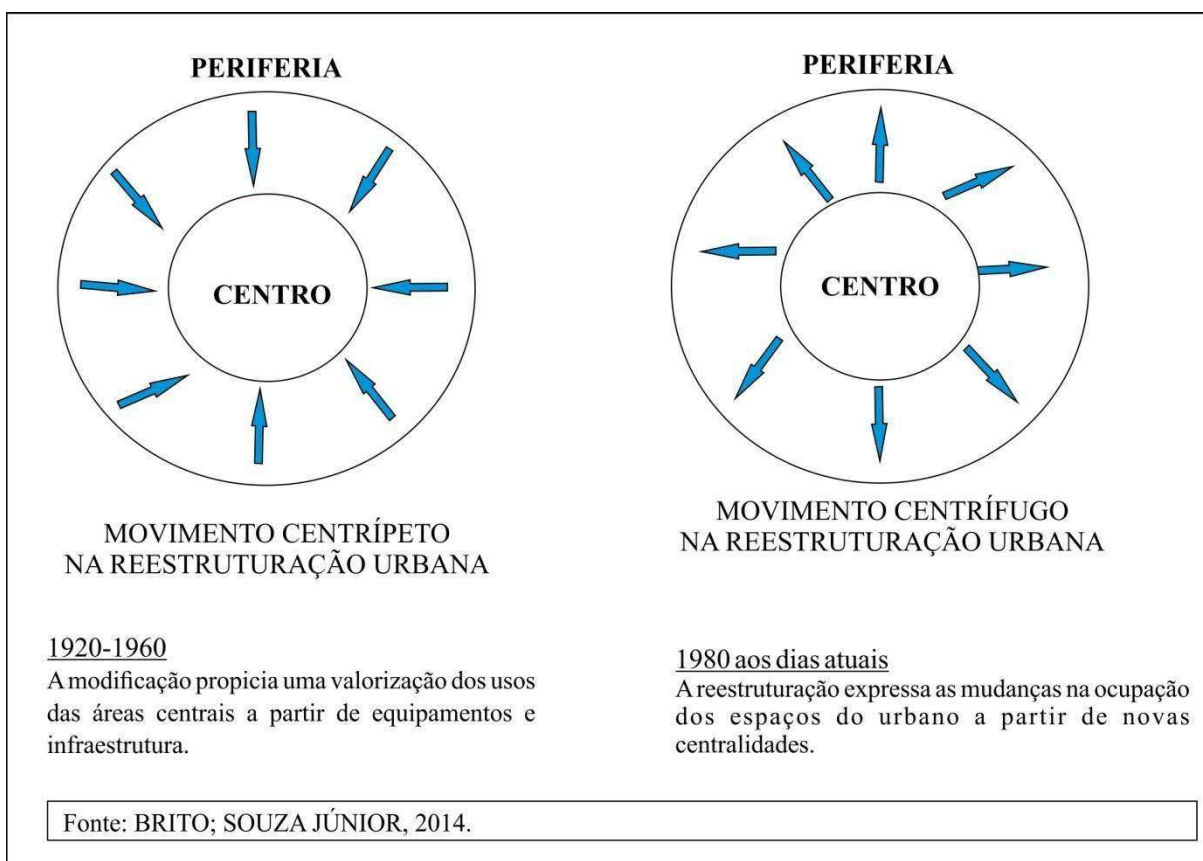
Outro aspecto relevante está relacionado à função sócio-espacial dos bairros no contexto urbano da cidade, segundo a qual os bairros de Catolé, Prata e Alto Branco são os que possuem melhores condições em infraestrutura e equipamentos urbanos, atraindo os principais investimentos imobiliários e serviços especializados, em especial os relacionados à habitabilidade (condomínios fechados horizontais e verticais), serviços médicos (especialmente as clínicas) e serviços comerciais especializados (shopping centers).

No que se refere à existência dos espaços públicos, estes são estruturados nas informalidades oriundas das práticas sócio-espaciais. Uma outra conjuntura se apresenta nos bairros mais centrais cujos serviços diversificados provocam uma migração diária intensiva e outros espaços de difusão de atividades (comerciais e de serviços) que ao longo da última década têm provocado uma reviravolta na mobilidade diária, a exemplo dos bairros das Malvinas, Liberdade, Cruzeiro, etc.

Tem-se, portanto, um desenho urbano no qual se evidencia uma reestruturação do espaço urbano de Campina Grande, afetando as referências de centro e centralidade da cidade. Entre os aspectos destacam-se a expansão dos condomínios urbanos horizontais em áreas periféricas da cidade; a criação de centros comerciais especializados em espaços selecionados; subcentros de serviços e comércios e espaços de serviços educacionais e de saúde.

A organização sócio-espacial da cidade de Campina Grande decorre, portanto, de eventos contraditórios, porém complementares, que ora direcionavam a morfologia da cidade em um movimento centrípeto; e ora direcionava sua reestruturação pautada numa tendência centrífuga (sobre estes movimentos ver esquema 01). No primeiro caso a estruturação da cidade esteve voltada para a valorização das áreas centrais nos momentos em que a reestruturação esteve expressa pelas políticas de embelezamento urbano, marcas das gestões da primeira metade do século XX até o final dos anos 1960 serviram como eventos de atração em direção à ocupação dos espaços centrais da cidade. Já com relação ao segundo movimento (centrífugo), evidenciado no final do século XX e início de século XXI, tem representado uma tendência da organização espacial valorizar as áreas periféricas no que se refere ao estabelecimento de equipamentos urbanos e mudanças em sua infraestrutura colocando em xeque a ideia de existência de um único centro⁶. A década de 1970 por sua vez, não foi marcada por eventos que a caracteriza-se.

Esquema 01



⁶ Com texto debatido em reunião em grupo de pesquisa e dos resultados obtidos por BRITO, 2013.

2.1 Descentralização: um resgate histórico sobre a difusão das atividades no espaço urbano de Campina Grande ao longo das décadas

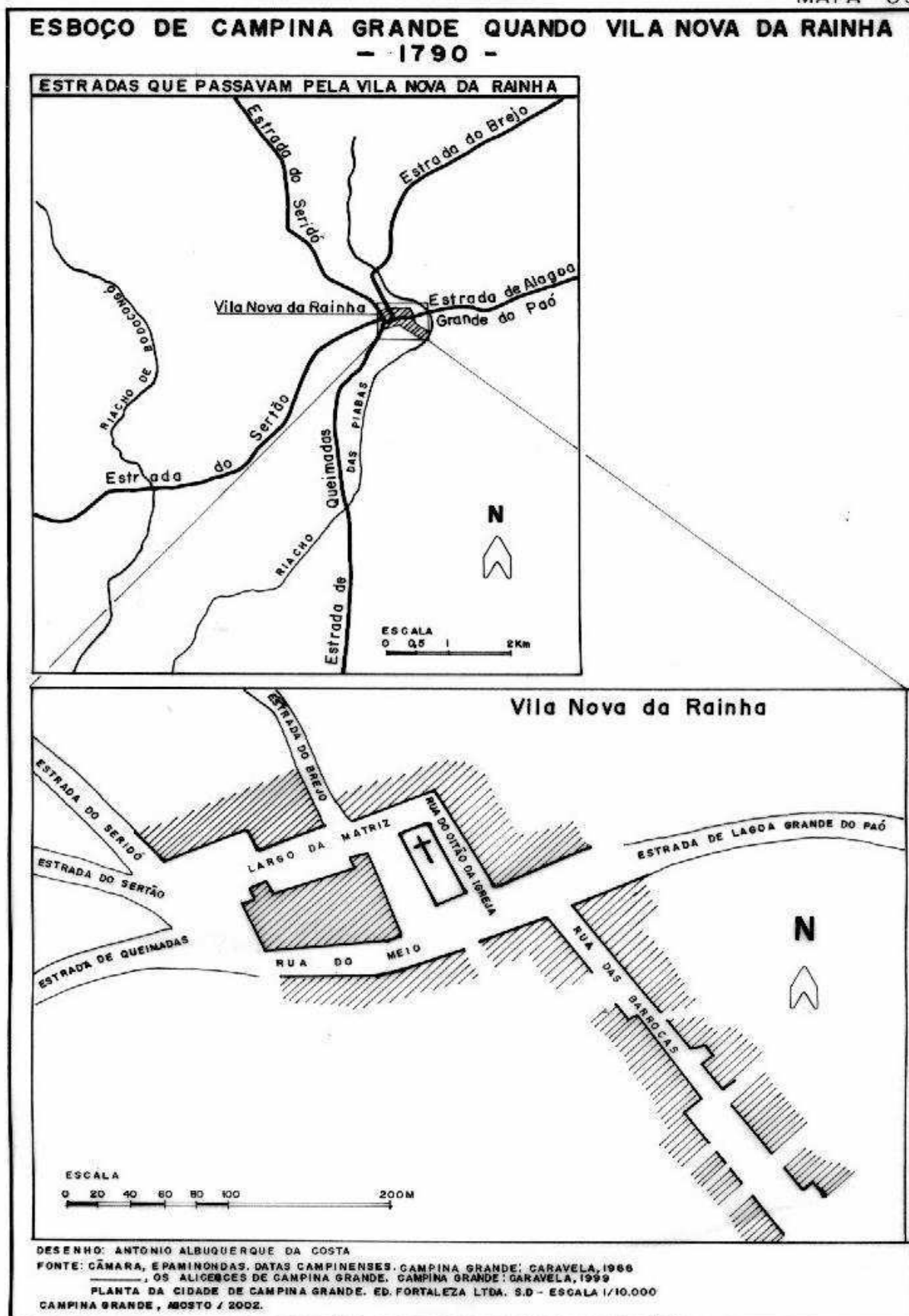
O Centro é simultaneamente o lugar do encontro e da reunião, no qual se estabelecem relações de trabalho, moradia, passagem e lazer, caracterizando-se, assim, como um espaço que congrega e dispersa. O sentido de centro expressa, de forma mais contundente e dinâmica, a identidade da cidade, ou seja, não existe cidade, nem realidade urbana sem um centro (BATISTA 2011, apud MAIA 2009, p. 183).

Tais aspectos são facilmente evidenciados no contexto urbano de Campina Grande. Embora se constate nesse espaço a manifestação do processo de descentralização⁷, devido ao deslocamento de algumas atividades, não se pode desconsiderar que essa área ainda apresenta uma forte centralidade, tanto do ponto de vista comercial, como no que se refere à prestação de serviços.

No que condiz ao seu contexto histórico, Campina Grande se constituía até as primeiras décadas do século XX como um espaço que comportava uma centralidade única, de forma bastante integrada. De acordo com Maia (2009, p.794 apud Batista, 2011), a primeira expansão do seu núcleo urbano ocorreu em torno da igreja Matriz – *atual Nossa Senhora da Conceição* – a partir de caminhos e ruas que vão sendo abertos, impulsionados pela atividade mercantil, sobre isto vide figura 06 datada do espaço urbano de Campina Grande em 1790.

⁷Relocalização de estabelecimentos que antes estavam concentrados no centro (BATISTA, 2011).

Figura 06 – Espaço urbano de Campina Grande em 1790.



Durante as décadas de 30 e 40, os recursos arrecadados com o impulso da economia algodoeira, permitiram à administração local executar uma brusca reforma urbanística no Centro da cidade. Nesse momento foram abertas avenidas como a Floriano Peixoto e outras ruas foram alargadas, calçadas e iluminadas. A respeito da ação municipal QUEIROZ (2008) esclarece:

“Com suas especificidades as ações reformistas de 1930 e 1940 que se esforçaram para modernizar Campina Grande se muniram de ferramentas similares para promoverem a renovação do conjunto arquitetônico da sua região central [...]. Sempre justificadas como medidas em prol do embelezamento urbano, os decretos públicos nessas duas décadas pretendiam homogeneizar as vizinhanças nas áreas abastardas na expansão da cidade e livrar o seu centro das construções antigas, simples e térreas [...] presentes no cotidiano da cidade que foram associadas a uma condição de atraso, de feiura de distância do mundo industrial civilizado.” (QUEIROZ, 2008, p.190)

Apesar de outras transformações no espaço urbano, embora de forma moderada, foi somente a partir da década de 1960 que Campina começou a passar por um lento processo de descentralização de algumas atividades industriais, comerciais e de serviços (COSTA, 2003). A indústria foi a primeira atividade a se descentralizar a partir da criação do Distrito Industrial em áreas periféricas.

As transformações na cidade se aceleram a partir dos anos 70, momento este em que é instituído o Projeto CURA – *Comunidade Urbana para Renovação Acelerada* - pelo BNH (*Banco Nacional de Habitação*). De âmbito nacional, tal projeto implantado na área central promoveu a valorização do setor urbano, na medida em que modificou a rede viária central a partir da retirada da população excedente do Centro, expandindo consideravelmente o tecido urbano.

Dá-se continuidade a esse período de transformações em Campina Grande a difusão de algumas atividades, a exemplo da construção do Distrito dos Mecânicos no Bairro do Jardim Paulistano, a CEASA (Central de Abastecimento) no Bairro do Alto Branco, do Shopping Center Campina Grande⁸ no bairro do São José e do Terminal Rodoviário Argemiro Figueiredo no Bairro do Catolé (COSTA, 2003, p.53).

Segundo Batista (2011), nos anos 80 e 90 evidencia-se a descentralização das atividades médico-hospitalares na cidade, as quais, aos poucos, se transferem do Centro para o bairro da Prata. Tal especialidade se torna evidente nos dias atuais, a partir da concentração de clínicas, consultórios médicos, farmácias e laboratórios de análises clínicas, formando o

⁸Primeiro shopping de Campina Grande, inaugurado em 1982.

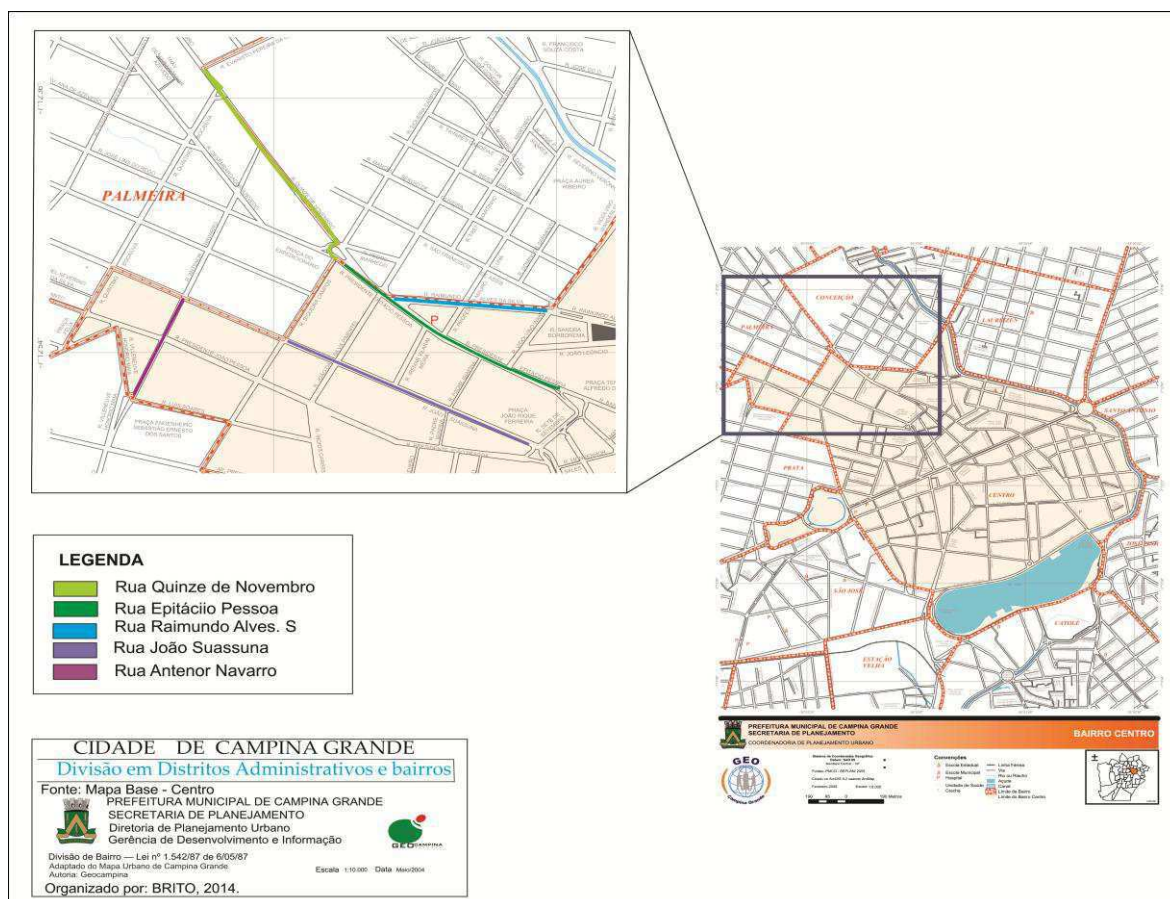
que Côrrea (1989) concebeu como processo de *coesão*, movimento que leva as atividades a se localizarem juntas.

Ainda na década de 90 ocorre a descentralização das atividades administrativas e judiciais, até então presentes no Centro. Sobre esse ocasião BATISTA 2001, p.44 á 45 discorre,

“A transferência das atividades administrativas do Centro ocorreu na esfera municipal, a partir da mudança de endereço dos poderes executivos (prefeitura) e legislativo (Câmara dos vereadores) para outras ruas mais afastadas do Centro Tradicional. Já no que diz respeito a descentralização das atividades judiciais, que também se concentravam no Centro, cita-se a mudança do Fórum Afonso Campos, que saiu da Avenida Floriano Peixoto e foi instalado no Bairro da Liberdade em 1998”.

Quanto ao comércio automotivo, este tradicionalmente se concentrava no Centro ou no seu entorno, nas ruas João Suassuna, Epitácio Pessoa, Antenor Navarro, Raimundo Alves da Silva e Quinze de Novembro (Mapa 01). O que se observa recentemente é a migração desta atividade para o Bairro do Catolé, especificadamente para a Avenida Severino Cabral, local escolhido pelas lojas de veículos para abrir suas filiais.

Mapa 02–Concentração do comércio automotivo no Centro Tradicional de Campina Grande na década de 1990.



Paralelamente ao processo de descentralização tem-se observado nos últimos anos em Campina Grande, o reforço de sua centralidade. Em 2008 a criação do Terminal de Integração centralizou o transporte coletivo no Centro, reforçando assim seu poder de coesão.

Apesar do surgimento de subcentros no espaço urbano campinense, o Centro Tradicional continua por exercer uma forte dinâmica, concentrando, em alguns casos, tipos de atividades e serviços ainda de mais importância do que antes (BATISTA, 2011, p.47). Tal aspecto foi observado em atividade de campo exploratória realizada em 2012 e 2013 através da qual se constatou que 43 a 50% dos questionados optam por adquirir produtos intermediários, como vestimentas, ainda em lojas presentes no Centro. Detectou-se ainda que os supermercados inseridos em meio ou na periferia da área central da cidade continuam a ser os mais procurados pelos consumidores. Essas e outras atividades contribuem para assegurar a centralidade do centro tradicional, mantendo-o como lócus do cruzamento dos vários fluxos.

Em contrapartida às tentativas de reforçar a centralidade do Centro Tradicional, novos serviços vêm se difundindo em direção à zona periférica da cidade, este é o caso do SITRANS⁹, empresa responsável pelo transporte de passageiros em Campina Grande, o serviço de recarga do Vale Mais e Vale Estudantil que, até pouco menos de dois anos somente era realizado em um dos seus estabelecimentos presentes na Rua Irineu Joffili (Centro), hoje encontra-se disponível nos mais variados estabelecimentos comerciais da cidade. Assim como o SITRANS, outros inúmeros serviços vem sofrendo o processo de descentralização, a exemplo do educacional como veremos no capítulo três.

⁹ Sindicato das Empresas de Transporte de Passageiros em Campina Grande.

CAPÍTULO III

CAPÍTULO III

A OPINIÃO DOS PESQUISADOS COMO ELEMENTO CHAVE NA REDEFINIÇÃO DE NOVOS ESPAÇOS CENTRAIS

“Não tem sentido continuar considerando o Centro comercial de campina Grande como o apogeu eterno, isso já deixou de ser. Vai sempre existir esse comércio varejista forte nas confluências das ruas Marciel Pinheiro, Floriano Peixoto, Marquês do Herval, Cardoso Vieira, Sete de Setembro, Rua João Pessoa, Rua João Suassuna até na Feira Central, mas existe uma tendência muito grande de descentralização para os bairros, realidade que já vem sendo sentida”. (Entrevistado I)

Compreendida enquanto espaço produzido, a centralidade é fruto das relações diversas exercidas pelos sujeitos sociais em um dado espaço físico. Sendo produto social, entendeu-se como necessário no desenvolvimento desta pesquisa, ouvir a opinião da sociedade que vivencia o urbano a respeito dos ambientes que os mesmos consideram como centrais a partir das diversas categorias de serviços. Para a realização desta fase optou-se por fazer uso de questionários, recurso este utilizado em dois momentos diferenciados, o primeiro em Novembro de 2012 e o segundo no primeiro semestre de 2013, em ambos foram aplicados cerca de 30 questionários em locais estratégicos da cidade, visando atingir setores distintos da população. Se faz importante ressaltar que, por se tratar de uma pesquisa quali-quantitativa, o número de questionários aplicados não necessita dos parâmetros da estatística.

Tendo em vista o crescimento das respectivas atividades no espaço urbano de Campina Grande: comércio, educação, saúde, lazer e moradia, decidiu-se por realizar o reconhecimento das centralidades a partir dos cinco referidos eixos funcionais, por serem estes responsáveis atualmente pelo surgimento de áreas especializadas em tais serviços na malha urbana campinense.

Seguindo esta perspectiva, Antônio Albuquerque Costa em um dos seus trabalhos lançados em 2003, formula seu pensamento acerca da atual importância campinense no cenário regional. Segundo ele, a função comercial que deu origem e consolidou Campina Grande como polo, apesar de ainda ser a mais importante, graças às raízes culturais de sua gente, hoje já não tem mais a abrangência do seu passado. No mesmo caminho, a função industrial, que se manteve nos anos 1960, não foi capaz de consolidar a cidade como polo tipicamente industrial. Hoje, a cidade volta-se para a função de prestadora de serviços, principalmente para as atividades educacionais e médico-hospitalares, atraindo pessoas não só de sua região polarizada, mas também de diversas localidades da Paraíba e do Nordeste.

No que tange à atividade educacional, a pesquisa direta realizada em Novembro de 2012 e no primeiro semestre de 2013, obteve resultados semelhantes ao trabalho desenvolvido por Costa (2003) durante a produção de sua dissertação. Ambos os resultados caracterizam, embora em momentos diferentes, o Bairro de Bodocongó em uma área especializada no setor de ensino e tecnologia.

“No Bairro de Bodocongó a presença do campus II da Universidade Federal da Paraíba¹⁰, a implantação do campus I da Universidade Estadual da Paraíba, além de órgãos de fomento tecnológico como a FAPESQ (Fundação de Apoio à pesquisa), o Parque Tecnológico da Paraíba e o Centro de Couros Albano Franco imprimem a este bairro uma especialização no setor de ensino e tecnologia. É aí que também estão presentes as residências da maioria dos professores universitários, cujo conjunto residencial ocupa a Vila Operária da Industrial Têxtil de Bodocongó.” (COSTA, 2003, p.12)

Uma década após ter sido divulgado o referido estudo pautado na centralidade tecnológica educacional presentes no Bairro de Bodocongó retomamos essa abordagem para reafirmar e acrescentar novas informações ao que fora antes mostrado por Costa (2003). No decorrer deste intervalo espaço/tempo o bairro de Bodocongó passou por intensas mudanças em sua estrutura física, passando por um processo de renovação e expansão urbana motivada pelo serviço educacional.

O fato é que se observa em Campina Grande uma crescente verticalização decorrente dos empreendimentos imobiliários que visam abrigar a população acadêmica que para ali se desloca, fato que corresponde às considerações já realizadas por Côrrea (1989), ao conceber que as áreas especializadas em determinados serviços atraem para si outras atividades que lhes são complementares ou mesmo de natureza distinta.

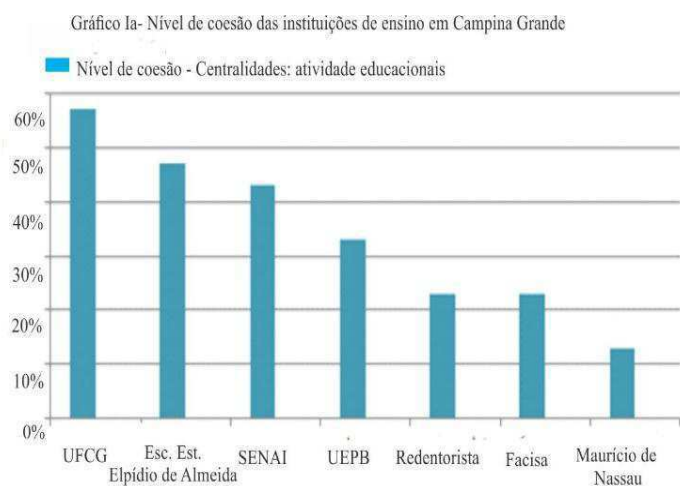
Ainda nesse viés, cabe destacar a transferência e concentração dos cursos da UEPB para o campus de Bodocongó em agosto de 2012. Até esta data, grande parte das coordenações e centrais de aulas da UEPB funcionavam em localidades dispersas na cidade, o que dificultava de certo modo, a unificação e a troca de conhecimento entre os membros dos cursos. Tal transferência vem alterando consideravelmente a logística da região, onde se observa um maior fluxo decorrente, em parte, da circulação de novas linhas de ônibus específicas para a área, além da elaboração de vários projetos por parte da prefeitura e dos grandes empresários voltados à revitalização da região, em que são pensados inúmeros empreendimentos como Shoppings, ambientes de lazer, condomínios dentre outros. O efeito disso está sendo expresso na própria mobilidade com a inclusão de novos equipamentos de segurança, tais como a criação de faixas de pedestres e sinalização eletrônica.

Fora do eixo centralizador de Bodocongó, a pesquisa de campo realizada, apontou outras localidades de mesma importância no setor da educação (ver gráficos 1a e 1b), a exemplo do SENAI, Escola Estadual Elpídio de Almeida, IFPB e algumas faculdades e

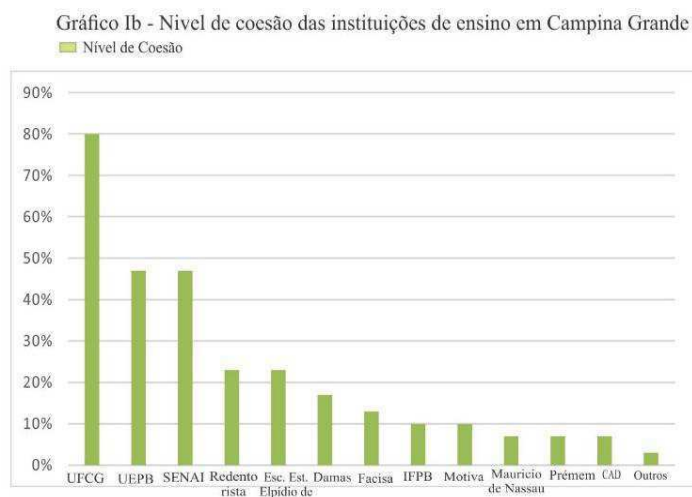
¹⁰ Hoje UFCG (Universidade Federal de Campina Grande)

escolas privadas presentes na cidade, como a Faculdade Maurício de Nassau, FACISA, Colégio Damas, Motiva, Alfredo Dantas entre outros.

Gráfico 1a e 1b – Centralidade educacional: nível de coesão das instituições de ensino em Campina Grande.



Fonte: Pesquisa direta realizada em Novembro de 2012.
Organização: Laís Rodrigues de Brito.



Fonte: Pesquisa direta realizada no primeiro semestre de 2013.
Organização: Laís Rodrigues de Brito.

Quanto ao SENAI a procura por seus cursos deve-se, sobretudo, à valorização dos mesmos no mercado de trabalho. De acordo com publicação do Caderno *SENAI Brasil* de nº 62, a importância dessa instituição está em sua capacidade de acompanhar as transformações do mundo do trabalho, “logo aqueles que optam por seguir carreira profissionalizante também estará amparado”. Já no que diz respeito à Escola Elpídio de Almeida e aos demais colégios privados que aparecem nos gráficos, acredita-se ser o fator cultural, o elemento chave que determina a centralidade nesses espaços. Por serem tradicionais os mesmos estão alojados no imaginário da população, fato que contribui direta ou indiretamente para com seu poder de coesão.

No que tange aos serviços de saúde, existe em Campina Grande de acordo com o IBGE (2009), um total de 147 estabelecimentos de saúde (hospitais, clínicas, laboratórios, consultórios, dentre outros), sendo estes distribuídos em: estabelecimentos de saúde federal com 02¹¹ unidades; estabelecimentos de saúde estadual com 03 unidades; estabelecimentos

¹¹ Entre os estabelecimentos médicos federais cabe acrescentar a UPA (Unidade de Pronto Atendimento) inaugurada no ano de 2011.

de saúde municipal totalizando 53 unidades e estabelecimentos de saúde privada. Com um total de 89 unidades finalizando em um total de 5044 leitos.

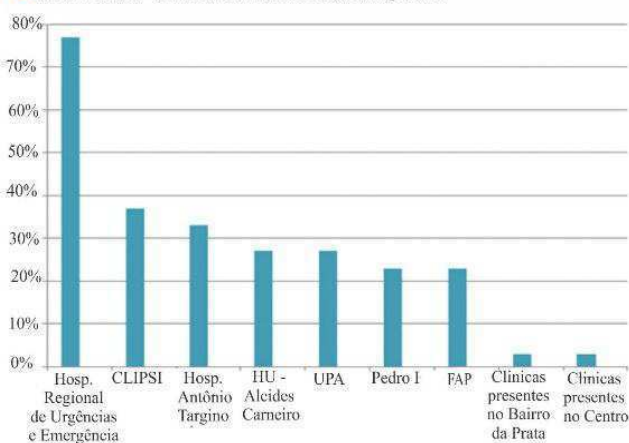
Diante dos números apresentados, podemos caracterizar a cidade de Campina Grande como sendo um polo regional de saúde, devido ao número e variedade de estabelecimentos verificados e aos atendimentos realizados diariamente.

Os hospitais públicos como Hospital Regional de Urgência e Emergência, CLIPSI, Antônio Targino, Alcides Carneiro, Pedro I e as Clínicas de reabilitação do programa CAPS, de acordo com os dados coletados em pesquisa, são os mais procurados, tanto pela população local, quanto pela população que chega a cidade em busca de atendimento.

Observa-se nos gráficos 2a e 2b abaixo que embora o nível de coesão de parte dos estabelecimentos mencionados tenham variado da primeira para a segunda fase da aplicação dos questionários, os mesmos se mantêm, ou seja continuam sendo concebidos como centrais. A diferença mais notável entre os gráficos em análise, é a inserção no segundo momento de um novo estabelecimento: os CAPS. (Para analisar o nível de coesão dos estabelecimentos vide gráficos abaixo).

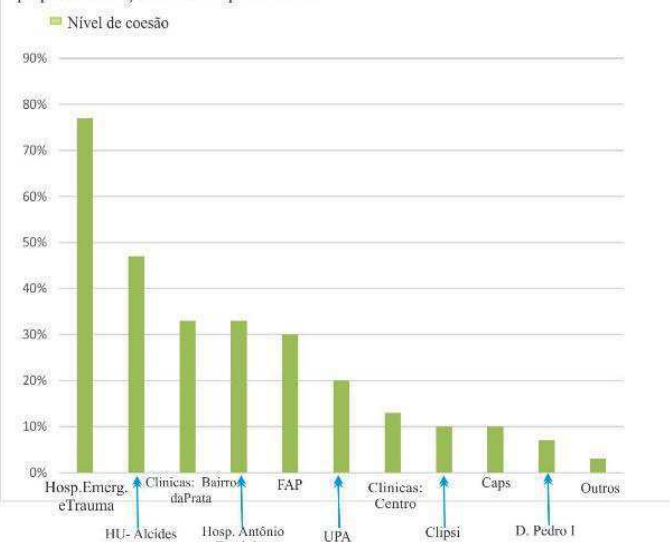
Gráficos 2a e 2b – Nível de coesão dos principais ambientes que prestam serviços médico-hospitalares em Campina Grande.

Gráfico 2a- Nível de coesão dos principais ambientes que prestam serviços médico hospitalares em CG
■ Nível de coesão - Centralidades: atividade médico hospitalares



Fonte: Pesquisa direta realizada em Novembro de 2012.
Organização: Laís Rodrigues de Brito.

Gráfico de nº 2b: Centralidade Médico-hospitalar II - Nível de coesão dos principais estabelecimentos que prestam serviços médico-hospitalar em CG



Fonte: Pesquisa direta realizada no primeiro semestre de 2013.
Organização: Laís Rodrigues de Brito.

No setor da saúde, cabe destacar ainda o Bairro da Prata, o qual concentra desde a década de 80 a maioria das clínicas, dos consultórios e mais recentes laboratórios de análises

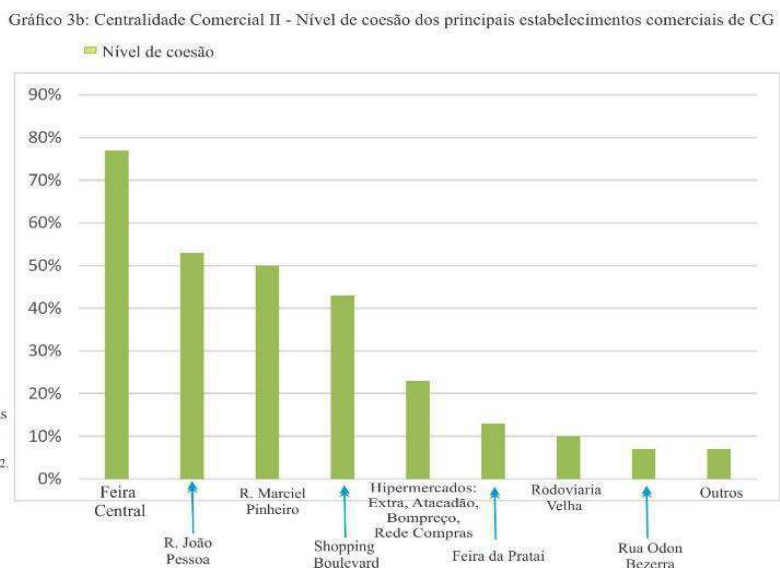
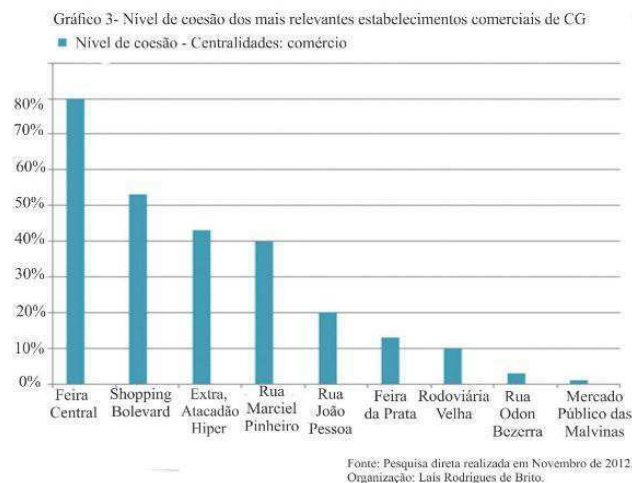
clínicas da cidade. De acordo ainda com Costa (2003), a presença dessa espacialização teve efeito direto sobre as transformações pelas quais o bairro passou, onde as residências de classe média e alta foram adaptadas para a função de clínicas ou laboratórios. Porém, a transformação mais visível esteve na construção de edifícios para o funcionamento de centros médicos, os quais ao lado dos prédios de apartamentos luxuosos formaram uma paisagem verticalizada no bairro, inexistente até o início dos anos 80.

Costa (2003), ao analisar os diversos ciclos econômicos pelos quais a cidade passou, deixa transparecer essa tamanha dependência. Como é de conhecimento comum, Campina surge devido a atividade mercantil. Em seus primeiros momentos de formação são as feiras de cereais e gado que dão vida a seu povoado. São esses resquícios iniciais aliados às etapas econômicas que se seguem, que contribuem para o distintivo de Campina Grande como empório comercial.

Além das feiras, mercearias e bodegas, a cidade foi adquirindo, ao longo dos anos, os mais variados e modernos estabelecimentos comerciais. Na década de 90 ocorre a difusão dos supermercados no espaço urbano de Campina Grande, atrelados às construções de dois dos seus mais significativos shoppings. O surgimento desses empreendimentos trazem à cidade novos padrões de consumo e conseqüentemente novas formas de comercialização, a exemplo da disseminação dos cartões de crédito.

Tendo em vista os inúmeros espaços destinados nos dias atuais a realização da atividade comercial, destacam-se os respectivos ambientes comerciais presentes nos gráficos 3a e 3b abaixo, como os de maior requisição pela população local:

Gráficos 3a e 3b- Nível de coesão dos mais atrativos ambientes comerciais de Campina Grande.



Das pessoas abordadas, 80% na primeira fase de aplicação dos questionários e 75% na segunda, afirmaram ser a Feira Central o ambiente mais procurado pelos consumidores, os quais buscam em sua maioria, produtos de necessidade básica como carne, legumes, frutas e verduras, outra parcela dos consumidores buscam também os bens intermediários como roupas e calçados. Quanto ao perfil dos consumidores observa-se uma brusca transformação, o que antes era local de concentração e de encontro dos mais variados tipos humanos, em que se via uma variedade infinita de raças, de cor, cultura (CABRAL FILHO, 2007, p.87 a 88), hoje serve prioritariamente à população pobre salopando a desigualdade social (SALES, 2011, p.8).

Diante do exposto, cabe discutirmos a resistência das feiras livres em Campina Grande, em especial a Feira Central e a Feira da Prata. No que diz respeito à Feira Central, embora esta não possua a mesma representatividade de tempos anteriores, caracteriza-se como um importante espaço de comercialização e sociabilidade.

“Enquanto local de reunião e de encontro de pessoas que fazem daquele espaço um pedaço de seus antigos espaços urbanos e rurais, portanto onde se manifesta o encontro do urbano com o rural, ou mesmo da cidade com o campo e ainda do moderno com o tradicional (CARDOSO, 2010, p.11).”

Ainda no levantamento exploratório, 53% (Primeira fase) a 43% (Segunda fase) dos indivíduos questionados, destacaram o Shopping Boulevard como uma das áreas de maior fluxo na cidade. Presente em Campina Grande desde 1999, o Shopping Iguatemi, hoje denominado Boulevard tornou-se o principal centro de varejo campinense. Sua implantação mudou consideravelmente o perfil do Bairro do Catolé dentro da estrutura urbana da cidade.

Objeto comandado pelo discurso exógeno, tanto técnico quanto psicológico, o Shopping Center Boulevard foi motivo de expectativa e desejo de parte da população. Sua presença tem influenciado no comportamento das pessoas, mas também na organização espacial do seu entorno, valorizando rapidamente a área onde se instalou (COSTA, 2003, p.65).

Passados 14 anos desde sua inauguração, o Boulevard, embora venha sofrendo concorrência dos novos empreendimentos comerciais existentes na cidade, continua por exercer forte atração sobre a população local, na medida em que conseguiu, ao longo dos anos, ampliar sua escala de consumidores, atingindo assim sujeitos de todas as classes sociais.

Nos momentos que antecedem a construção do Shopping Center, início e meados dos anos 90, a cidade vivenciou um intenso processo de disseminação dos supermercados, tal fato aliado à venda de produtos tipicamente regionais (Característica peculiar das feiras),

faz com que parte da população com renda alta passe a frequentar esses estabelecimentos, deixando conseqüentemente de ir às feiras.

Hoje, a presença dos hipermercados como Extra, Atacadão, Rede Compras, Hiper-Bompreço, etc., é responsável por servir a um grande contingente campinense. Em termos numéricos, cerca de 43% (resultado da primeira fase de aplicação dos questionários) a 23% (resultado da segunda fase de aplicação) dos interrogados informaram optar por estes espaços de consumo em razão dos mesmos ofertarem uma maior comodidade e acessibilidade. No entanto, eles ressaltam e reconhecem a importância das feiras.

Classificadas também como centralidades comerciais, as Ruas Maciel Pinheiro e João Pessoa, ambas localizadas no Centro, destacam-se por exercer múltiplas funções no decorrer dos anos. A rua João Pessoa foi a que abrigou o comércio atacadista em sua fase áurea. Com o passar do tempo, esta se setorizou com lojas de material de construção, lojas de ferragens, madeireiras, lojas de aviamentos e no trecho inicial com a expansão do setor bancário. Hoje, além de conservar todas estas atividades, apresentam também, as lojas de moveis e eletrodomésticos, essa característica multifuncional faz desta rua um dos principais espaços comerciais de Campina Grande.

Quanto à Maciel Pinheiro, esta goza de um status que vem desde os tempos da Vila Nova da Rainha (COSTA, 2003, p.98). Caracterizada por agregar lojas de aviamentos nos dias atuais, inicialmente fora denominada Rua dos Forasteiros, constituindo-se em local de residência das elites campinenses e principal artéria comercial da cidade. Sobre sua dinamicidade Costa (2003 apud RODRIGUES et al, 1996, p.170) resalta,

“Uma das ruas mais antigas da cidade, ex - Rua Grande, Rua da Feira, Rua das Gameleiras, Antiga Rua da Independência, Rua Uruguaiana e Praça Epitácio Pessoa. Era rua de diversas atividades – comércio, festas populares (cavalhada, topada do boi, carnaval, jogo do bicho) dos primeiros cinemas o “Apolo” (governista) e o “Fox” (oposicionista)...”

Quanto à função comercial, esta atividade econômica de origem milenar, sempre desempenhou um papel importante na formação e no desenvolvimento das primeiras sociedades urbanas. Além de abrigar as funções do poder religioso e político, a cidade desde as suas origens “desempenhou um papel igual na sua vida econômica” (DINIZ 2011 apud MUNFORD 1991, p.84). Não tão diferente do referido, o comércio foi o grande responsável pelo desenvolvimento de Campina.

Nesta pesquisa, de forma opcional, tivemos também a curiosidade em identificar e analisar os espaços na cidade destinados ao lazer, assim como o nível de centralidade que

cada um desses exerce sobre a área polarizada. Tendo em vista o número reduzido desses ambientes em Campina Grande, buscou-se entender quais espaços são mais procurados pela população local para desfrutar os seus momentos de ócio, já que a maior parte dos ambientes públicos como praças, calçadões e demais áreas de livre acesso à população estão abandonadas do convívio diário. Percebe-se que tais habitantes preferem, atualmente, em decorrência do aumento substancial da criminalidade, frequentar espaços privados que lhes transmitam segurança.

Em nossa análise, a maior parte da população abordada, identificou o Shopping Boulevard e o Parque da Criança como as principais áreas de lazer da cidade (Vide gráficos 4a e 4b). No que se refere ao Parque da Criança, apesar de ser entendido como um espaço público, visualiza-se uma série de elementos peculiares, com relação às demais áreas públicas da cidade, a exemplo desse diferencial, constata-se o policiamento exacerbado e algumas restrições quanto ao acesso ao parque, a exemplos de horários fixos de entrada e saída.

Gráficos 4a e 4b - Nível de coesão dos ambientes próprios ao lazer em Campina Grande.

Gráfico 4a - Centralidade lazer I - Nível de coesão dos ambientes destinados ao lazer em CG

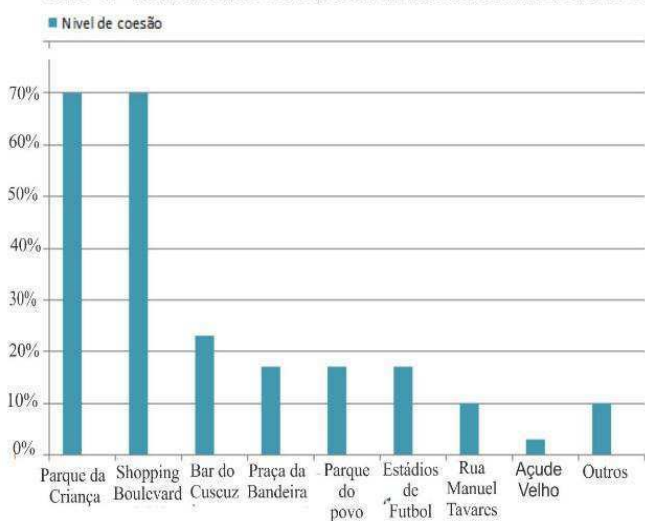
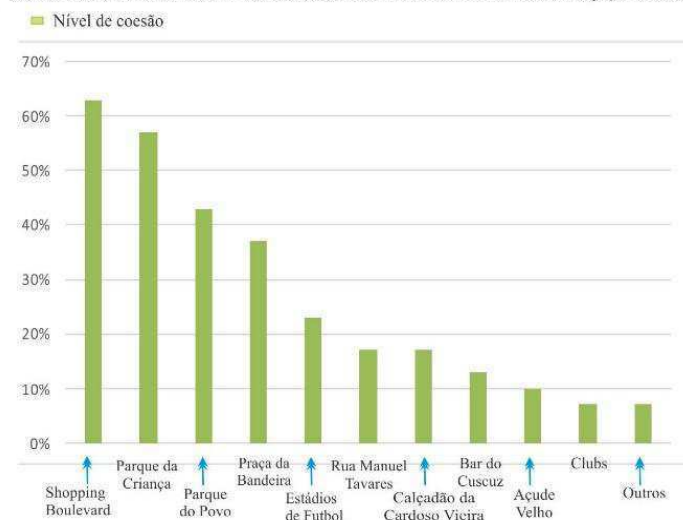


Gráfico 4b: Centralidade Lazer II - Nível de coesão dos ambientes transformados em espaços de lazer



Fonte: Pesquisa direta realizada no primeiro semestre de 2013.
Organização: Laís Rodrigues de Brito.

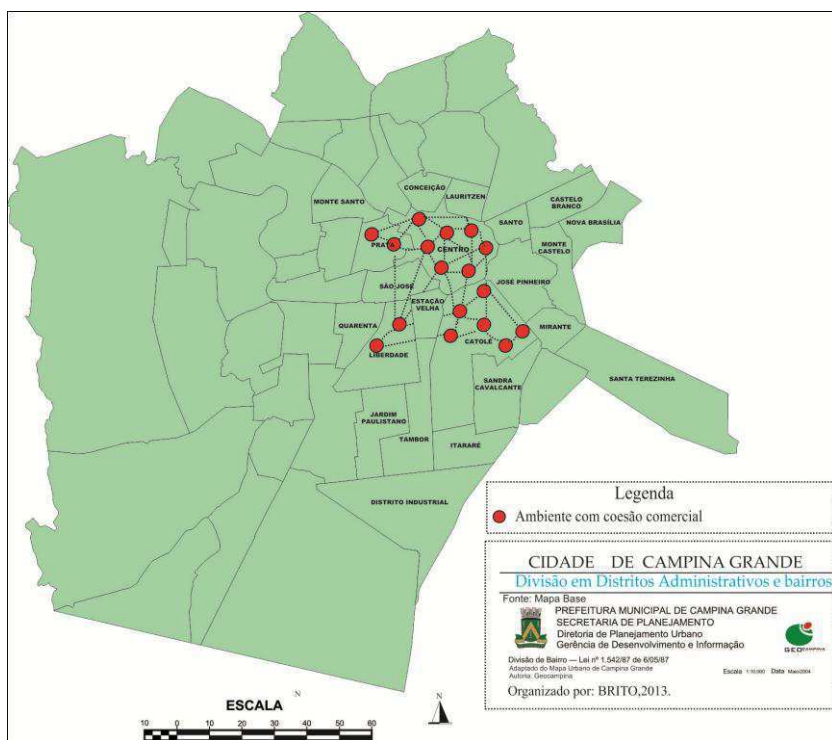
No que condiz aos estabelecimentos e ambientes privados, assim como o Boulevard, surgem na cidade novas centralidades do lazer elitizadas, cabe ressaltar as centralidades gastronômicas como a Rua Manuel Tavares e o Bar do Cuscuz. Outros demais espaços como o Parque do Povo, caracterizado por exercer uma centralidade temporária, Praça da Bandeira e Estádios de Futebol como o Amigão e o Renatão, também foram

lembrados, em ambos os momentos de aplicação dos questionários, como espaço do lazer na cidade.

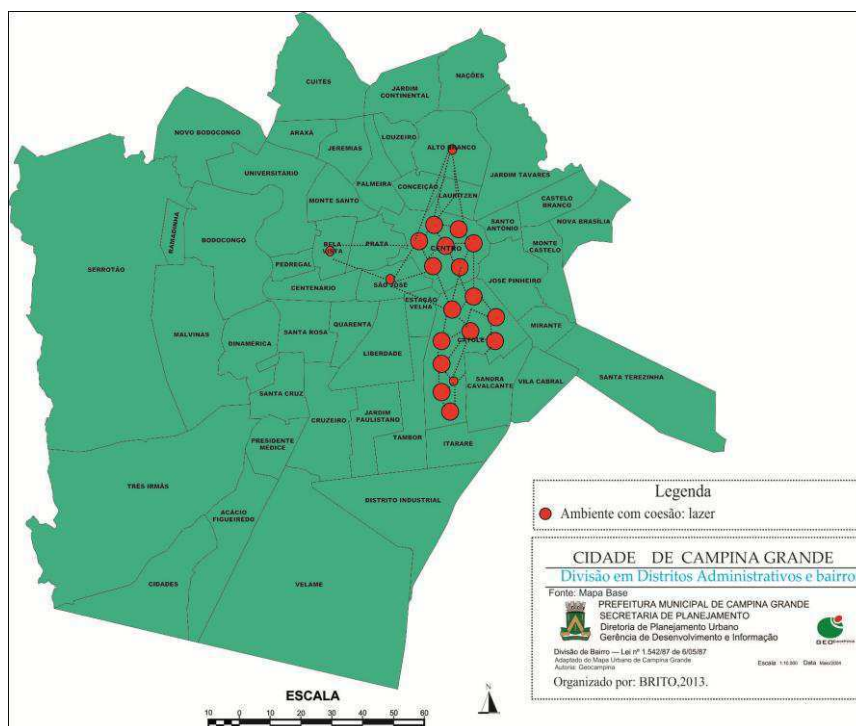
Os resultados apresentados sinalizam um caminho de reconhecimento do território campinense. Observa-se que cada uma das centralidades analisadas até o momento tende a se localizar mais expressivamente em determinados segmentos ou eixos no espaço urbano de Campina Grande. No caso específico da atividade comercial (mapa 3a), a região do Centro Tradicional, marco inicial das primeiras trocas e vendas na cidade, mantém fortes atrativos comerciais dividindo atualmente poder de coesão com a Zona Sul, espaço esse no qual há algumas décadas vem destacando-se por agregar os mais diversificados estabelecimentos desse setor, além deste aspecto, a Zona Sul caracteriza-se também por concentrar os principais espaços de lazer na cidade (mapa 3b). Assim como o Centro Tradicional, outros trechos da cidade vêm especializando-se cada vez mais na oferta de serviços, caso particular dos Bairros Bodocongó e Prata. No que tange as atividades de cunho educacional, observa-se no mapa 3c uma oferta maior na Zona Oeste, enquanto que os serviços médico-hospitalares encontram-se espalhados, embora em dados eixos o nível de coesão venha a se acentuar, como no Bairro da Prata e Bodocongó, assim como na região do Centro Tradicional (mapa 3d).

Mapas 03 (3a, 3b, 3c, 3d) –Espacialização das centralidades a partir dos serviços no espaço urbano de Campina Grande.

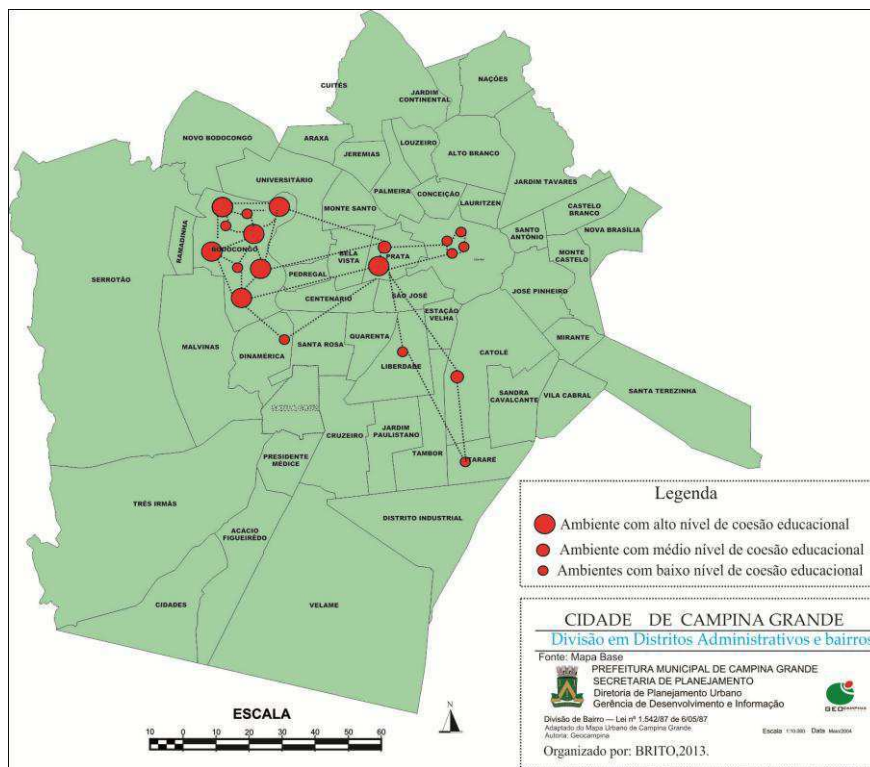
Mapa 3a – Centralidade comercial: Campina Grande - PB



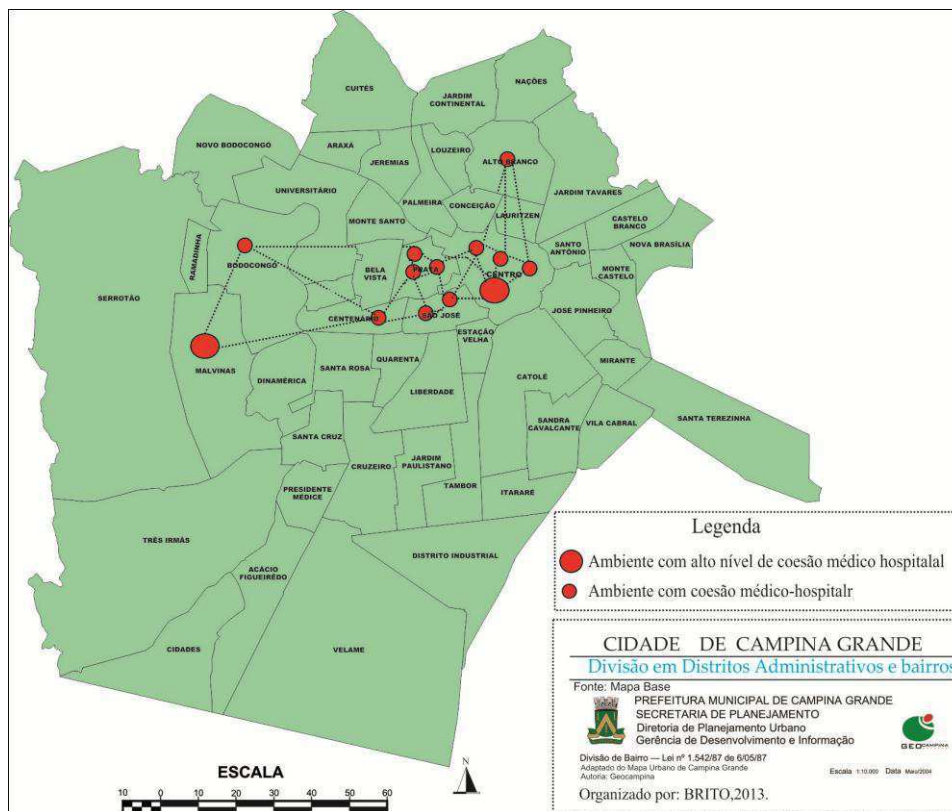
Mapa 3b- Centralidade do lazer: Campina Grande -PB



Mapa 3c- Centralidade educacional: Campina Grande - PB



Mapa 3d- Centralidade médico-hospitalar: Campina Grande - PB



Além dos quatro tipos de centralidades mencionadas, emerge em Campina Grande a ascensão do mercado imobiliário, o qual juntamente com o estado são importantes agentes da produção do espaço da cidade.

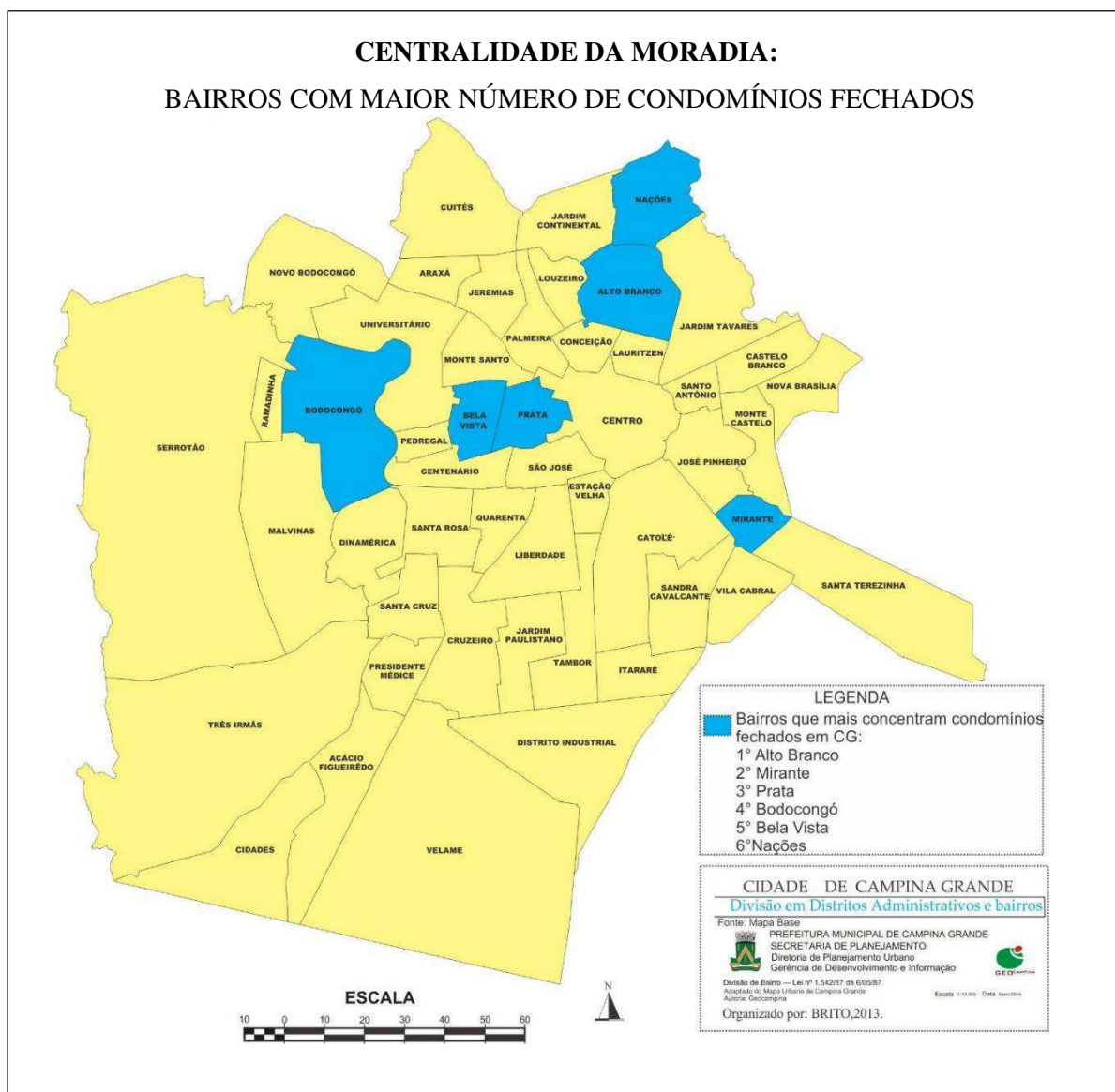
No que tange ao setor da moradia, observa-se nas últimas décadas em Campina Grande uma crescente segmentação do seu território. Cada vez mais a cidade vem se fragmentando, tornando-se seletiva na medida em que a ação imobiliária reproduz formas diferenciadas de morar.

A massificação dos condomínios fechados representam bem essas novas formas de habitar Campina. Por ostentar os mais diversificados títulos: “cidade universitária”, “empório comercial”, “maior São João do mundo”, Campina Grande atrai para si um contingente variado congregando pessoas de todas as classes.

É em razão destes sujeitos, que cada vez mais vem se instalando e se expandindo na cidade tais novos empreendimentos. Segundo Batista 2012, os Condomínios Fechados em especial os Horizontais (CFHs) chegam a Campina Grande em 2009, exceto *Nações Residence Privê o qual se instala na cidade em 1990*, entre os pioneiros cabe destacar *Atmosfera Eco Residence, Reino Verde, Alphaville (Etapas I e II)*, e *Sierra Hone Resort*.

Sinalizando uma tendência de crescimento do tecido urbano ao longo dos eixos rodoviários (BATISTA, 2012, p.49) os Condomínios Fechados Horizontais, em termos de configuração espacial, tendem a se concentrar na Cidade em áreas periféricas, pouco habitadas, distanciadas em sua maior parte do Centro Tradicional e dos bairros mais antigos, formando novas centralidades, como nos revela o mapa de 04, construído a partir das informações adquiridas na segunda fase de aplicação dos questionários.

Mapa 04 - Centralidade da moradia em Campina Grande: bairros que concentram maior número de condomínios fechados.

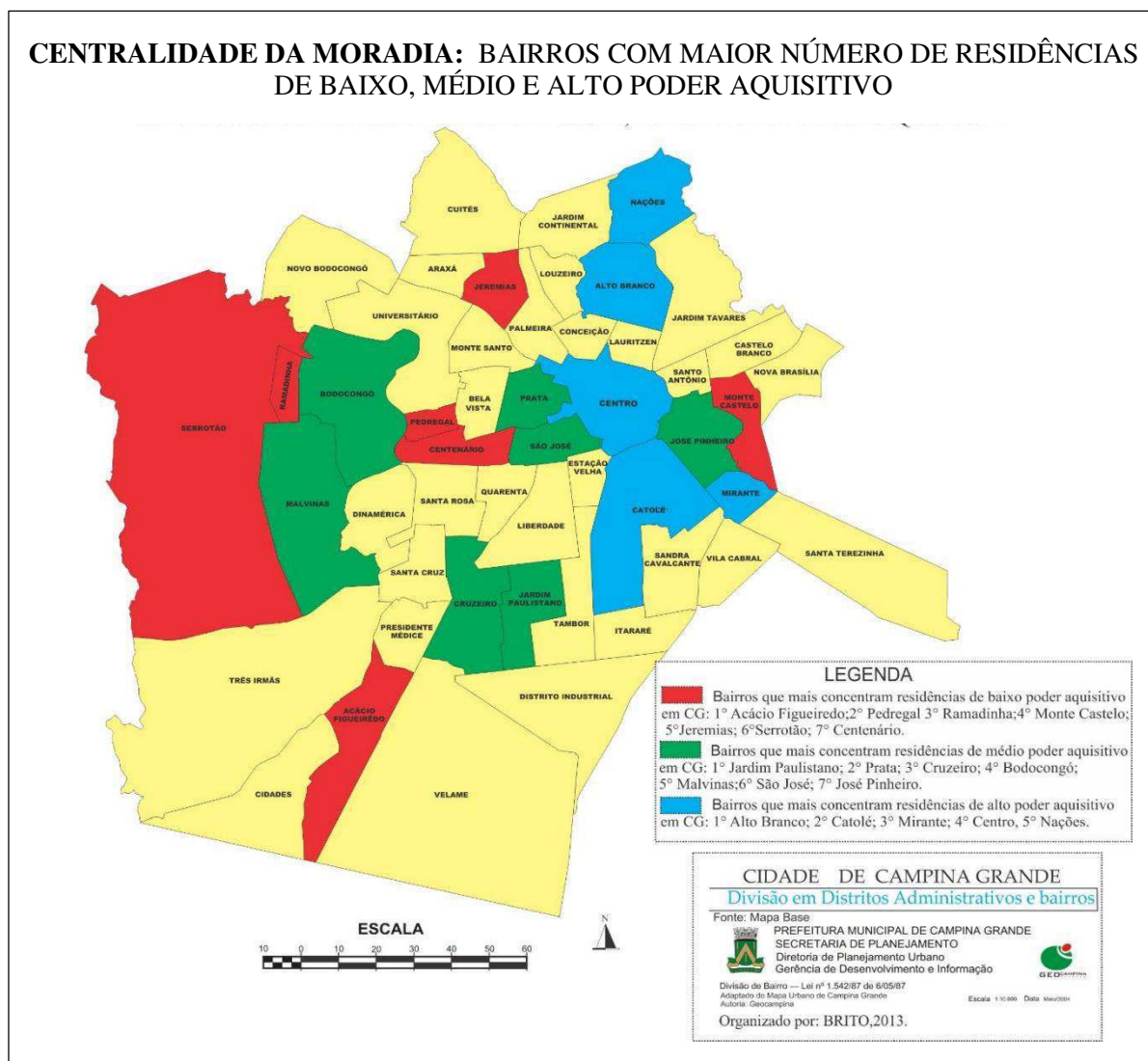


Observa-se na atualidade uma política imobiliária na cidade de Campina Grande, em especial a de condomínios fechados, que visa atingir múltiplos sujeitos sociais, a exemplo do bairro de Bodocongô, tal empreendimento vem se expandindo na localidade a menos de uma década sendo responsável pela transformação e valorização comercial de vários setores do bairro ao mesmo tempo em que vem atraindo novos investimentos.

Além das áreas que concentram maior número de condomínios, preocupamo-nos também em identificar e analisar quais setores da cidade são caracterizados por agregar em maior grau as residências das camadas sociais de Campina Grande. O mapa 05 abaixo

compreende alguns dos principais bairros os quais foram classificados segundo a população abordada em campo, enquanto de baixo, médio e alto poder aquisitivo.

Mapa 05: Centralidade da moradia em Campina Grande: bairros que concentram maior número de residências de baixo, médio e alto poder aquisitivo



Como sinaliza o mapa anterior, a maior parte dos bairros identificados como sendo de baixo poder aquisitivo estão localizados nas margens da cidade, essa realidade decorre principalmente do programa de desapropriação da “população excedente” do centro da cidade, aplicado como forma de reestruturar o espaço urbano campinense nos anos 40. Tal medida intensifica o desordenamento do processo de ocupação das periferias, direcionando a vasta massa populacional a lugares inadequados a habitação humana, gerando o inchaço periférico. Por outro lado, observa-se que as áreas nobres próximas ao centro hoje já não são

tão cobiçadas como há algumas décadas passadas. As classes abastadas constituem moradias especiais- os condomínios, localizados também nas periferias em busca de melhor infraestrutura (pouca poluição do ar, poluição sonora, mais espaços verdes), caso dos bairros Alto Branco, Nações e Mirante. De modo mais tímido a classe média tende a se inserir entre estes dois setores acompanhando ambos seus deslocamentos. Esse movimento referente a tais deslocamentos da população no espaço urbano Campinense produz por sua vez uma nova organização territorial dos seus bairros, com a presença de configurações diversificadas, exposto de forma organizada e planejadas em alguns setores (bairros recentes) e de forma irregular e até mesmo caótica em bairros mais antigos (Paraíba, 1985).

3.1 Debatendo centralidade: os representantes sociais e suas perspectivas acerca do espaço urbano de Campina Grande

Discutir centralidade a partir de teoria é um grande desafio para os estudiosos, inclusive para aqueles que já desenvolveram uma certa intimidade para com a temática. Observa-se que até os clássicos como Walter Chistaller, Lefebvre, Milton Santos e Flávio Villaça recorreram a outros métodos ao realizarem seus estudos. Pensando nisso, além de trabalhar com a ideia de espaço central oriundo dos estudos desenvolvidos pelos referidos autores, optou-se também por ouvir alguns representantes dos segmentos sociais da cidade com o intuito de desvendar em seus discursos diferentes arranjos do território socioespacial campinense.

Participaram deste momento dois convidados, um representante da Associação Comercial da cidade e um membro do SINTAB (Sindicato dos Trabalhadores Públicos do agreste da Borborema). Estava prevista também a participação de representantes de outros segmentos, no entanto, muitas foram as dificuldades de chegar até estes, fato que culminou na ausência dos seus discursos no presente trabalho. Ambos foram devidamente orientados sobre os objetivos da pesquisa e atestaram ciência do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme exigência do comitê de ética em pesquisas.

Os convidados que participaram deste estudo, caracterizaram-se por conhecer bem a cidade de Campina Grande. O primeiro (chamarei de entrevistado I) nasceu e se criou em Campina, teve sua formação familiar e profissionalizante em território campinense e desde a década de 60 vem acompanhando as transformações econômicas e sócio espaciais. O segundo (chamarei de entrevistado II) desde cedo vivenciou a relação de dependência do seu município para com Campina Grande, oriundo de Mogeiro – região de Itabaiana – este

viajava constantemente em direção a rainha da Borborema em companhia de seus pais a fim de desfrutar dos serviços e atividades que aqui eram ofertadas.

Aproveitando este conhecimento empírico, buscou-se a partir das recordações dos entrevistados, resgatar as principais transformações em Campina Grande nos últimos 10 anos. Abaixo estão postos alguns trechos dos depoimentos dos sujeitos entrevistados, em que podemos visualizar algumas dessas mudanças.

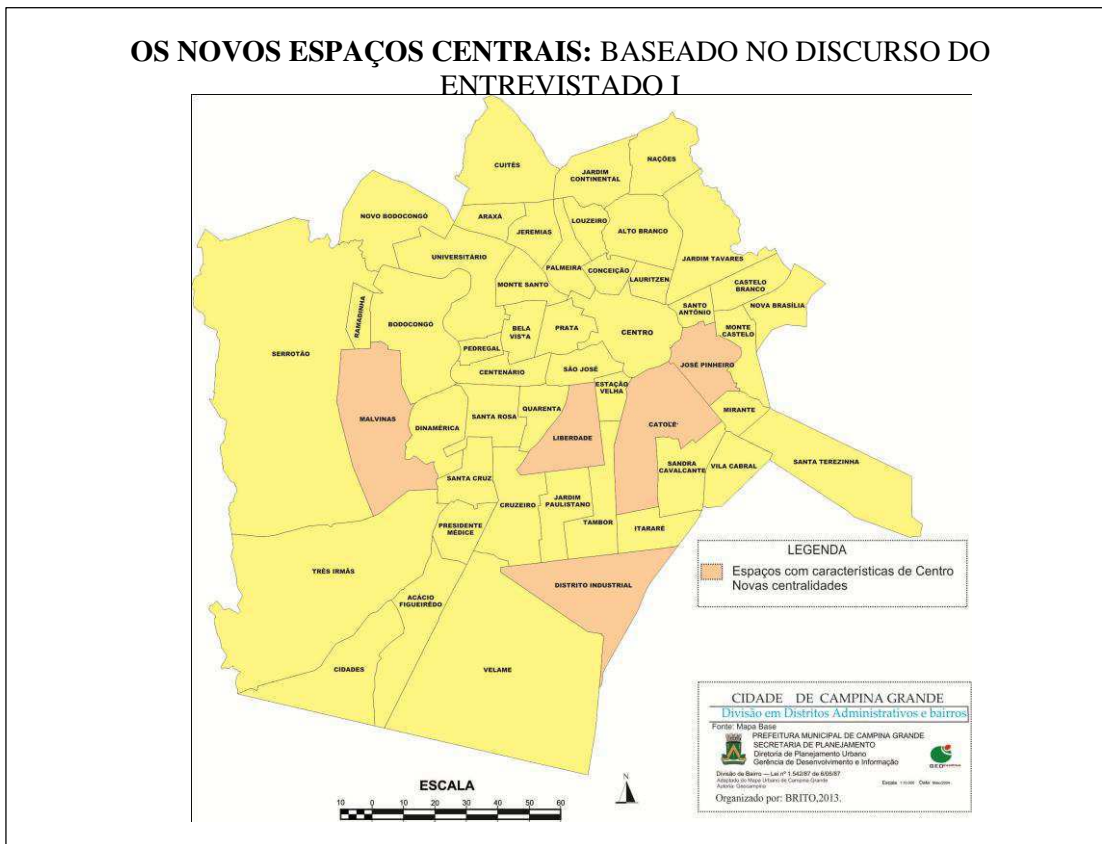
“[...] o que mudou muito em Campina Grande é que esta se tornou bem mais uma cidade de serviços do que de produção. Nossa indústria tem perdido trabalho e nosso comércio tem se diversificado cada vez mais com a introdução de novas ferramentas”. (Entrevistado I)

“Campina é marcada por uma concentração muito maior de condomínios verticais na região central e do crescimento dos condomínios horizontais em seu entorno”. (Entrevistado II)

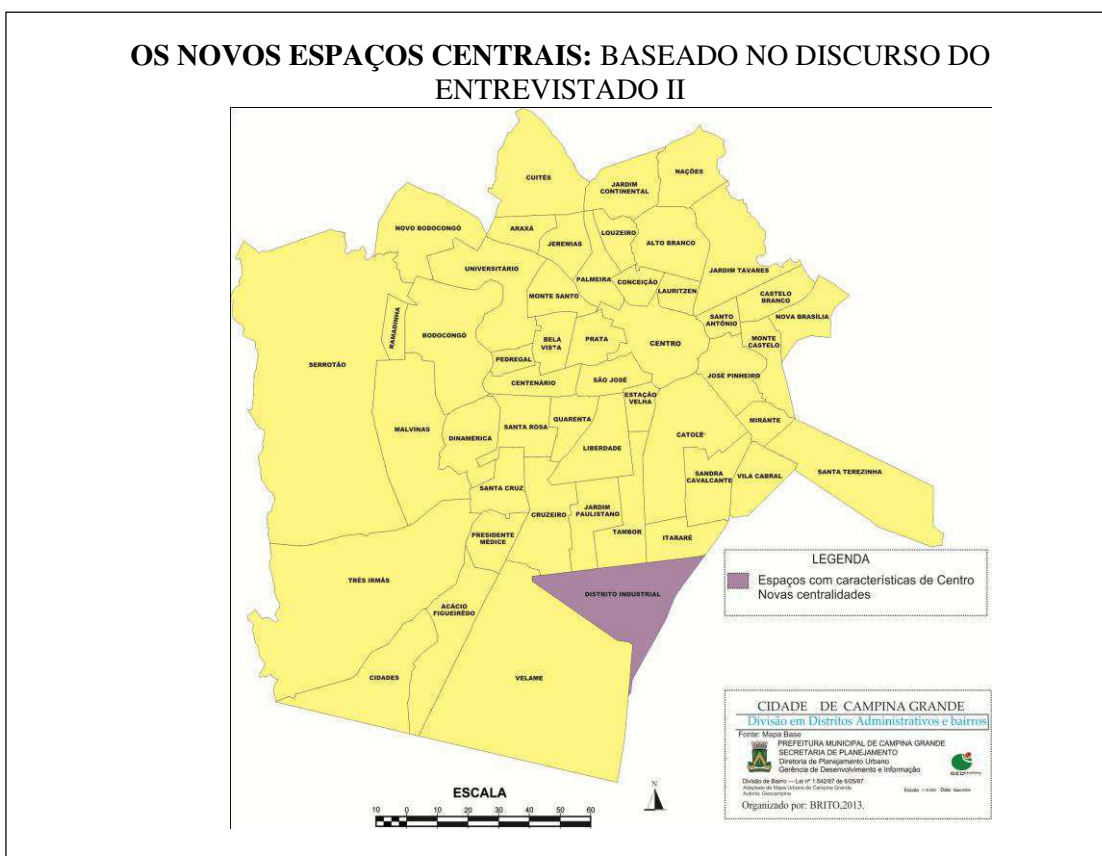
As falas apresentadas acima revelam Campina Grande sob dois vieses: econômico e morfológico. No primeiro discurso tem-se um relato pautado nas mudanças econômicas, nas atividades que melhor vão se adaptando a cada período. Já o segundo exprime a nova forma campinense, verticalizada, com a presença das novas formas de moradia, os condomínios.

Associado a essa tentativa de resgate do processo de reestruturação do território campinense, procurou-se também identificar espaços que na atualidade apresentam características de centros, os resultados obtidos com esta busca está expresso nos mapas que se seguem (mapa 06 e 07).

Mapa 06 – Os novos espaços centrais: construído a partir do discurso do entrevistado I



Mapa 07 – Os novos espaços centrais: construído a partir do discurso do entrevistado II



Os mapas 06 e 07, construídos a partir dos discursos dos entrevistados, trazem informações complementares. No que diz respeito ao mapa produzido com base na fala do 1º entrevistado, visualiza-se uma nova configuração espacial onde emergem diversas localidades com características de Centros, evidenciando o processo de desconcentração espacial. Neste, os bairros Liberdade, Catolé e José Pinheiro destacam-se como espaços que vem crescendo como novas centralidades comerciais, um outro bairro que também vem se destacando nesta modalidade é a Malvinas o qual abriga o maior contingente da cidade.

A respeito do processo de desconcentração das atividades comerciais do Centro da cidade, o entrevistado acrescenta:

“Não tem sentido continuar considerando o Centro comercial de Campina Grande como o apogeu eterno, isso já deixou de ser. Vai sempre existir esse comercio varejista forte nas confluências das ruas Marciel Pinheiro, Floriano Peixoto, Marques do Herval, Cardoso Vieira, Sete de Setembro, Rua João Pessoa, Rua João Suassuna até na Feira Central, mas existe uma tendência muito grande de descentralização para os bairros, realidade que já vem sendo sentida”. (Entrevistado I)

Localizado na direção Sul de Campina Grande aliado aos bairros mencionados, tem-se também a presença do Distrito Industrial. Destacado em ambos os mapas, este concentra atualmente a maior parte da produção industrial da cidade, sendo uma das regiões que mais cresce em razão das políticas públicas que tendem a deslocar e incrementar a produção industrial nesta localidade, dentre os projetos pensados para a região está a desapropriação de uma área na periferia de 775 hectares com o intuito de ampliar o Distrito Industrial.

Com relação ao processo de desconcentração, além da política voltada ao Distrito Industrial, os sujeitos evidenciam algumas medidas que têm contribuído na aceleração. Cabe ressaltar inicialmente, a atual construção do Hospital de Emergência e Trauma na zona periférica do extremo oeste da cidade, essa medida vem fazendo com que a cidade se amplie em direção a essa nova área, na medida em que atrai novos empreendimentos. Outra medida importante deu-se no campo da educação em que a Universidade Estadual da Paraíba deslocou praticamente quase todos os seus cursos do Centro da cidade, indo concentrar-se no campus de Bodocongó. Um terceiro e último elemento que está atrelado aos dois primeiros é a construção civil, que vem nos últimos 20 anos a partir dos incentivos do governo, fazendo com que não se eleja um local exclusivo da geografia da cidade para se construir “hoje se vê boas construções em todos os bairros, independente de localização”. (Trecho extraído de um dos depoimentos do Entrevistado II)

Como já foi destacado ao longo do trabalho, Campina Grande destaca-se pela variedade de serviços que hoje são ofertados em seu território, não há como em seu passado uma atividade que venha a caracteriza-la, o que se observa é um imbricado de serviços e atividades em que ambos se complementam para elevar juntos a cidade a nível regional. Apesar de apresentar essa característica, alguns serviços vêm, nas últimas décadas, se destacando em termos de importância, ao tempo em que outros vêm se estagnando, como nos evidenciam os relatos abaixo:

“Hoje Campina Grande cresce em razão de sua academia, por que se não fosse a academia Campina não é a cidade que é não. A felicidade de Campina ser a cidade que é sendo conhecida nacionalmente e internacionalmente em certos setores é devido as universidades que nós temos, a esses mais de 40 mil estudantes universitários que estão instalados em Campina Grande estudando e produzindo conhecimento pro mundo afora[...]”. (Entrevistado I)

“A atividade industrial e comercial atrelada aos serviços médicos e educacionais atraem muita gente a cidade. Os serviços médicos realizam diariamente números absurdos de atendimentos [...] A questão das universidades trazem muitos estudantes a cidade durante os três períodos manhã, tarde e noite aumentando consideravelmente a frota de veículos, os fluxos. Já o comércio eu acredito que poderia ser mais fortalecido em suas atividades em nível de cidade e Estado, o surgimento do polo comercial de Caruaru, Toritama e Santa Cruz do Capibaribe vem reduzindo o fluxo de pessoas á Campina Grande, fato que vem contribuindo em seu enfraquecimento [...]”. (Entrevistado II)

De acordo com a perspectiva dos entrevistados, os serviços médico-hospitalares e educacionais, principalmente este último, vêm apresentando nos últimos tempos um crescimento diferenciado. No que diz respeito ao setor educacional, a nova forma de ingresso nas universidades a partir do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) traz a cidade estudantes de diversas regiões do Brasil, assim como novos investimentos, dando uma nova cara à cidade. Quanto ao comércio campinense, observa-se que este setor vem sofrendo fortes concorrências de outros polos vizinhos, isso ocorre em razão da ausência de políticas públicas que invistam em seu fortalecimento e renovação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar a respeito do processo de desconcentração espacial da cidade de Campina Grande constitui-se como um desafio assim como também o é a afirmação de que o comércio, fonte econômica que manteve a cidade durante décadas, está perdendo espaço diante do crescimento de novas atividades.

Um fato curioso marcou o desenvolvimento desta pesquisa no momento de análise dos questionários aplicados em vários pontos da cidade, constatou-se que grande parte das pessoas que afirmaram ser a Feira Central uma centralidade comercial, não fazem uso dos serviços ofertados neste espaço, ao contrário, estes têm preferência por utilizar os supermercados em razão da maior comodidade e acessibilidade. Diante disto, cabe questionar até que ponto os espaços tradicionais mantêm de fato sua centralidade? O que percebemos é uma forte tendência de se negar a ideia de que novas áreas da cidade também estão se fortalecendo. Acreditamos que isso decorre muito do culturalismo, do que ainda está preso e é implantando no imaginário da população.

O fato é que Campina Grande vem se descentralizando, e isso não é uma realidade apenas do hoje, como foi discutido no segundo capítulo deste trabalho, desde os anos de 1940 isso vem ocorrendo, mas é em meados da década de 1970 que esse processo de desconcentração vem sendo mais evidenciado em decorrência do deslocamento da setor industrial da cidade em direção a periferia. Hoje não se encontra o setor jurídico da cidade presente no Centro tradicional, nem mesmo os grandes hospitais, shoppings ou universidades. Estes estão distribuídos em áreas diversas, às vezes estratégicas no espaço urbano de Campina Grande, fato este que vem redefinindo a configuração espacial da cidade e dotando-a de uma nova morfologia funcional.

Os resultados aqui obtidos apontam para a necessidade da Geografia tomar para si a responsabilidade de entendimento dessa nova tendência, especialmente pelo seu caráter multiescalar que traz ao debate o próprio significado de centralidade. Tal fato será tido como ponto de partida para análises futuras.

REFERÊNCIA

ABNT NBR 14724:2011. Pags.11.

ARAÚJO, Tânia B. de. **Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro: Heranças e urgências**. Rio de Janeiro: REVAN: FASE, 2000.

BATISTA, P. A. **O Boulevard Shopping Center e a formação de uma Nova Centralidade em Campina Grande-PB**. João Pessoa, 2011. Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCEN.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em imagens: História**. Campina Grande, UFCG, 2009. 240p.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2000.

CARDOSO, C. A. A.; MAIA, D. S. **A feira de Campina Grande: Onde se encontra o moderno e o tradicional**. In: XVI Encontro Nacional De Geógrafos, 2010, Porto Alegre. Anais do XVI Encontro Nacional De Geógrafos. Associação dos Geógrafos Brasileiros - UFRS, 2010. v. 1. p. 1-12.

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. **A cidade cogumelo: Campina Grande das feiras às festas**. In: Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 02, 2002.

CARLOS, Ana F. A. **A natureza do espaço fragmentado**. In: Santos, M.; Souza, M. A. A.; Silveira, M. L. Território globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A Questão urbana**. Tradução de Arlene Caetano. Vol. 48. São Paulo: Paz e terra, 2000, 590p. (coleção pensamento crítico)

CORREA, Roberto L. **O espaço urbano**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

COSTA, Antônio Albuquerque da. **Sucessões e Coexistências do Espaço Campinense na sua inserção ao Meio Técnico científico-informacional: a feira de Campina Grande na interface desse processo**. Dissertação, Maio de 2003. (Programa de Pós-graduação em Geografia), Universidade Federal de Pernambuco. Recife-PE, 2003.

DINIZ, Lincoln da Silva. **As bodegas da cidade de Campina Grande: dinâmicas sócio espaciais de pequeno comercio**. Campina Grande: EDUFCEG, 2011.p.120.

GOBLOT, Jean-Jacques. O surgimento do pensamento racional e o “milagre grego”. La pensée, n. 104, agosto de 1962.

GOTTDIENER, Mark. **A produção Social do espaço urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

_____. **A teoria da crise e a reestruturação sócio-espacial:** o caso dos Estados Unidos. In. Valladares, L.; Preteceille, E. (Coord.). Reestruturação urbana: tendências e desafios. São Paulo: Nobel, 1990. P. 59-78.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização:** o “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HARNECKER, Martha. **Os conceitos elementares do materialismo histórico.** 1º ed. Fevereiro de 1981. Global editora e distribuidora. p. 89.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Censo demográfico do município de Campina Grande. 2010.

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica:** 3.ed. Atlas, São Paulo, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana.** Trad. Sérgio Martins. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

_____. **O direito à cidade.** Trad. Rubens Eduardo Farias. São Paulo: Centauro, 2001.

MELAZZO, Everaldo S; VIEIRA, Alexandre B. **Introdução ao conceito de segregação socioespacial.** In. Revista Formação. n. 10. vol. 1. FCT/UNESP, 2003. (Planejamento ambiental). p. 161-173.

NORMANN, Tássia Coser; UEDA Vanda. Caracterizando as novas urbanizações na cidade de Porto Alegre/Brasil. In: **X Encontro de Geógrafos da América Latina.** Por uma Geografia latino americana: do labirinto da solidão ao espaço da solidariedade. São Paulo, 20 a 25 de março de 2005. (Anais, publicado em meio digital – CD). Fapesp/CNPq/Capes, 2005.

Pesquisa direta (Aplicação de questionários) realizada em Novembro de 2012.

PORTO SALES, Andréa L. **Comércio e localização: A feira e a centralidade urbana de Campina Grande - PB.** In: Semana de Geografia FCT/UNESP, 2011, Presidente Prudente. As geografias latino-americanas: diferentes territorialidades, 2011.

QUEIROZ, Marcus Vinicius Dantas de. **Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade da Campina Grande em transformação (1930-1950).** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos, USP, 2008.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Moradia nas cidades brasileiras. São Paulo: Contexto, 2003, 10 ed.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova.** 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. **Natureza do espaço.** Técnica e tempo. Razão e emoção. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVA JÚNIOR, Geraldo Francisco. **Campina Grande:** desenvolvimento histórico no século XX. In. OLIVEIRA, R. Veras. Campina Grande em Debate: a condição urbana da

periferia pela lente do trabalho e das políticas públicas. Campina Grande: EDUEP, 2009. p.11-34

SILVA, J. B. Discutindo a cidade e o urbano. In SILVA, J.B (Org.). **A Cidade e o urbano:** temas para debates. Fortaleza: EUFC, 1997. 318p.

SILVA, W. R. da. **Centro e centralidade: Uma discussão conceitual.** Formação, Presidente Prudente, n°8, 2001.

SOUZA, Marcelo L. de. **O desafio metropolitano:** um estudo sobre a problemática sócio-espacial nas metrópoles brasileiras. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. de. **Mudar a cidade:** uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SPOSITO, Maria E. B. **A cidade dentro da cidade:** uma *edgcityem* São José do Rio Preto. In. Scripta Nova (revista eletrônica de geografia e ciências sociais). Vol.7, n. 146(045). Universidade de Barcelona: Scripta Nova, 2003. <[http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(045\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(045).htm)> (acesso em 15 novembro de 2005).

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair. **Redes de ação: uma possibilidade de interpretação da fragmentação intra-urbana.** In. CIDADES: Revista científica. Vol. 1, n.1, 2004. Presidente Prudente: grupos de estudos urbanos, 2004. p. 127-155

VASCONCELOS, Pedro de A. **A aplicação do conceito de segregação residencial ao contexto brasileiro na longa duração.** In. CIDADES: Revista científica. Vol. 1, n.1, 2004. Presidente Prudente: grupos de estudos urbanos, 2004. p. 259-274.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil.** 2ª ed. São Paulo: STUDIONOBEL: FAPESP, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A - MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO À SOCIEDADE CAMPINENSE

Nome do Pesquisado: _____ Local da Pesquisa: _____
 Data e hora da pesquisa: ____/____/____, ____ h ____ min.
 Sexo do Pesquisado: () M () F
 Faixa Etária: () 20 a 29 () 30 a 39 () () 40 a 49 () 50 a 59 () > 60

I- DADOS PESSOAIS

1. ESTADO CIVIL

() Solteiro () Casado () Separado Judicialmente () Divorciado () Outro

2. ONDE VOCÊ NASCEU?

() Na Cidade de Campina Grande – PB/ Bairro onde mora: _____
 () em outra cidade, qual? _____ Bairro: _____ Estado: _____

3. COM QUAL PERIODICIDADE VOCÊ COSTUMA VIR À ÁREA TIDA COMO CENTRO DE CAMPINA GRANDE E PARA QUE FINALIDADE?

() DIARIAMENTE () TRÊS VEZES POR SEMANA () UMA VEZ POR SEMANA () DUAS VEZES POR MÊS () MENSALMENTE () OUTROS

FINALIDADE (NORMALMENTE PARA FAZER O QUE?) _____

4. QUAL A SUA PROFISSÃO? _____

5. QUAL A RENDA MÉDIA FAMILIAR?

() ½ Salário mínimo () até 1 salários () até 3 salários () mais de 3 salários

6. ONDE VOCÊ TRABALHA?

() Qual bairro? _____ () Em um município próximo, qual? _____

6.1 Caso você não resida em Campina Grande, com qual periodicidade você costuma visitar a cidade e para que finalidade?

() DIARIAMENTE () TRÊS VEZES POR SEMANA () UMA VEZ POR SEMANA () DUAS VEZES POR MÊS () MENSALMENTE () OUTROS

FINALIDADE (NORMALMENTE PARA FAZER O QUE?) _____

II- REFERENTE AO OBJETO DE ESTUDO (CENTRALIDADES)

Tendo em vista que as **CENTRALIDADES** são compreendidas pela existência de **LUGARES QUE ATRAEM MUITAS PESSOAS PELOS SERVIÇOS QUE SÃO OFERECIDOS**, responda as questões abaixo:

10. SEGUINDO AS TIPOLOGIAS, DOS LUGARES MENCIONADOS ABAIXO QUAL OU QUAIS DE ACORDO COM SUA OPINIÃO APRESENTAM UMA MAIOR CENTRALIDADE, MARQUE 3 DESTES:

Educação	Lazer
1. () Estadual da Prata	1. () Parque da Criança
2. () UFCG	2. () Shopping Boulevard
3. () Damas	3. () Praça da Bandeira
4. () UEPB	4. () Açude Velho
5. () Redentorista	5. () Calçadão Cardoso Vieira
6. () SENAI	6. () Parque do Povo
7. () Motiva (centro)	7. () Açude Novo
8. () FACISA	8. () Complexo Esportivo (Antigo estádio Plínio Lemos)
9. () IFPB	9. () Clubs (a exemplo do SESC)
10. () Maurício de Nassau	10. () Estádios (Amigão e Renatão)
11. () UNESC	11. () Shopping Luiza Motta
12. () PRÊMÊM	12. () Rua Odon Bezerra
13. () CAD	13. () Rua Manuel Tavares / Alto Branco (Culinária)
14. () Outros. Quais?	14. () Bar do Cuscuz
Dos ambientes mencionados qual, a seu ver, apresenta uma menor centralidade?	15. () Safari
	16. () Outros. Quais?

Saúde	Comércio e Serviços
1. () Hospital Regional	1. () Feira Central
2. () Hospital Antônio Targino	2. () Shopping Boulevard
3. () Clínicas localizadas na Prata (Exemplo: Stª Clara)	3. () Rua João Pessoa
4. () hospital Pedro I	4. () Rodoviária velha
5. () FAP	5. () Rua Maciel Pinheiro
6. () HU- Alcides Carneiro	6. () Feira da Prata
7. () UPA	7. () Mercado Público das Malvinas
8. () Clínicas localizadas no centro	8. () Rua Odom Bezerra
9. () CAPS . Qual?	9. () Comércio de bairros tais como supermercado
10. () Clinica Doutor Maia	10. () Extra, MAX, HIPER, Atacadão
11. () Outros. Quais?	11. () Outros. Quais?
12. () CLIPSE	Dos ambientes mencionados qual a seu ver apresenta uma menor centralidade?
Dos ambientes mencionados qual a seu ver apresenta uma menor centralidade?	Dos ambientes mencionados qual a seu ver apresenta uma menor centralidade?

ÁREA RESIDENCIAL			
CONDOMÍNIOS FECHADOS	RESIDÊNCIAS DE BAIXO PODER AQUISITIVO	RESIDÊNCIAS DE MÉDIO PODER AQUISITIVO	RESIDÊNCIAS DE ALTO PODER AQUISITIVO
1. () Alto Branco	1. () Catingueira	1. () Bodocongó	1. () Alto Branco
2. () Bodocongó	2. () Pedregal	2. () Prata	2. () Catolé
3. () Prata	3. () Centenário	3. () Jardim Paulistano	3. () Prata
4. () Bela Vista	4. () Ramadinha	4. () Cruzeiro	4. () Mirante
5. () Mirante	5. () Glória	5. () Malvinas	5. () Centro
6. () Outros. Quais?	6. () Outros. Quais?	6. () Outros. Quais?	6. () Outros. Quais?
Dos bairros mencionados qual a seu ver apresenta uma menor centralidade?	Dos bairros mencionados qual a seu ver apresenta uma menor centralidade?	Dos bairros mencionados qual a seu ver apresenta uma menor centralidade?	Dos bairros mencionados qual a seu ver apresenta uma menor centralidade?

08. ONDE VOCÊ REALIZA SUAS COMPRAS DE SUPERMERCADO:

- a) () Em supermercados do próprio bairro
b) () Em supermercados centrais como Rede Compras, Bompreço, Hiper, etc.
c) () Utiliza os supermercados de bairro, mas as maiores compras são sempre feitas em supermercados centrais.
d) () Utiliza os grandes supermercados apenas de vez em quando, assim a maior parte das compras são feitas nos supermercados de bairro.
e) () Utiliza os supermercados de bairro e centrais na mesma intensidade.

09. NO QUE DIZ RESPEITO ÀS FEIRAS, QUAL VOCÊ FREQUENTA COM MAIOR INTENSIDADE?

- a) () Feira central
b) () Feira da Prata
c) () Feira das Malvinas
d) () Não frequenta feiras, adquire todos os seus produtos nos supermercados
e) () Outros. Quais? _____

10. COM RELAÇÃO ÀS VESTIMENTAS, EM QUE PARTE DA CIDADE ESTÃO LOCALIZADOS OS ESTABELECIMENTOS QUE VOCÊ COSTUMA ADQUIRIR SEUS PRODUTOS?

- a) () Sempre nas lojinhas do meu bairro
b) () Sempre compro em Shoppings, como o Boulevard
c) () Sempre nas lojas do centro
d) () Compro tanto nas lojas do centro como nas lojas de bairro
e) () Compro apenas no centro e no Shopping
f) () Lojinhas de outros bairros
g) () Outros. Quais? _____

11. NO QUE TANGE À SAÚDE, A QUE DEPARTAMENTOS VOCÊ RECORRE QUANDO PRECISA REALIZAR UMA CONSULTA?

- a) () Hospitais públicos como Regional, UPA, FAP, Antônio Targino

- b) () Clínicas particulares localizadas no bairro da Prata
 c) () Clínicas particulares localizadas no Centro
 d) () PSF
 e) () Outros. Quais? _____

12. APESAR DE EXISTIREM POUCOS ESPAÇOS DESTINADOS AO LAZER NA CIDADE, DOS MENCIONADOS ABAIXO QUAL VOCÊ UTILIZA?

- a) () Parque da Criança
 b) () Shopping Boulevard
 c) () Praças centrais
 d) () Praças do próprio bairro
 e) () Outros. Quais? _____

13. COM RELAÇÃO AO BAIRRO EM QUE VOCÊ RESIDE COMO ESTE SE APRESENTA EM TERMOS DE INFRAESTRUTURA, OU SEJA, O BAIRRO SATISFAZ AS NECESSIDADES DOS MORADORES, NELE HÁ SUPERMERCADOS, HÁ ESCOLAS, AGÊNCIAS BANCÁRIAS, CLÍNICAS, POSTOS DE SAÚDE?

14. QUAIS LOCAIS VOCÊ COMPREENDE COMO SENDO MAIS EXCLUÍDOS NO USO COTIDIANO EM CAMPINA GRANDE?

15. EM QUE SETORES (SAÚDE, COMÉRCIO, EDUCAÇÃO) VOCÊ CONSIDERA A CIDADE COMO VERDADEIRAMENTE CENTRAL (QUE ATRAI PESSOAS)?

16. DESTES SETORES COMPREENDIDOS COMO CENTRAIS QUAIS O QUE APRESENTAM PIOR CONDIÇÕES DE INFRAESTRUTURA E EQUIPAMENTOS?

17. A SEU VER, QUAIS OS BAIRROS SÃO MAIS FAVORECIDOS EM TERMOS DE INFRAESTRUTURA EM CAMPINA GRANDE E QUAIS OS QUE TÊM MAIOR DIFICULDADE PARA A MOBILIDADE DAS PESSOAS?

18. TOMANDO COMO OBJETO DE ANÁLISE BAIRROS COMO, CATOLÉ, PRATA E ALTO BRANCO, EM QUAIS ASPECTOS ESTES BAIRROS PODEM SER TIDOS VERDADEIRAMENTE COMO CENTRAIS?

19. ALÉM DOS BAIRROS MENCIONADOS NA QUESTÃO ANTERIOR, EXISTEM OUTROS QUE VOCÊ CONSIDERA COMO CENTRAIS? SE SIM MENCIONE EM QUAIS ASPECTOS.

Observações do pesquisador.

Sobre o pesquisado: Ficou com medo da aproximação () Demonstrou-se agressivo () Demonstrou-se apreensivo ()

**APÊNDICE B - MODELO DE ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO AOS
REPRESENTANTES DOS SEGMENTOS SOCIAIS DA CIDADE**

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Fale um pouco sobre a sua história em Campina Grande destacando o que mudou ao longo destes últimos 10 anos.
2. Fale um pouco sobre a sua relação com a cidade de Campina Grande.
3. Considerando centralidade a capacidade de atração de determinado serviço, equipamento e infraestrutura urbana, fale um pouco sobre os espaços que você considera como sendo os mais centrais aqui de Campina?
4. A seu ver, que tipo de atividades vêm sofrendo, no decorrer dos anos uma maior descentralização em Campina Grande, ou seja, têm reduzido sua importância para o contexto urbano dos moradores e usuários da cidade?
6. Que outras localidades em Campina Grande vêm adquirindo características de centro? Identifique pelo menos três dessas.
7. Entre os setores de saúde, comércio, educação e serviços, comente sobre aquele que você considera mais importante para o contexto urbano de Campina Grande?
8. No contexto nordestino, Campina Grande é considerada uma cidade importante para a região, sendo equiparada, em alguns aspectos, à própria capital e a importantes cidades de outros estados da Região. O que você poderia comentar sobre esta afirmativa? Isto existe de fato? Em que aspectos?
9. Faça uma retrospectiva das três últimas gestões municipais de Campina Grande identificando os principais projetos ou decisões que auxiliaram na consolidação de Campina Grande como uma cidade Central?

Data: ____/____/2013

ANEXO

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade Federal de Campina Grande

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Modelo padrão

ESTUDO: O processo de desconcentração urbana em Campina Grande e sua influência na reestruturação espacial

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isto não causará prejuízo a você.

Eu, _____,
 profissão _____, residente e domiciliado na _____,
 portador da cédula de identidade (RG) _____, e inscrito no CPF/MF _____,
 nascido (a) em ____/____/____, abaixo assinado (a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo “**O processo de desconcentração urbana em Campina Grande e sua influência na reestruturação espacial**”. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) O estudo tem como objetivo analisar como a desconcentração em Campina Grande vem influenciando em mudanças na reestruturação urbana de Campina Grande.
- II) A participação nesse projeto não tem objetivo de me submeter a um tratamento, nem denegrir minha imagem ou área que está sob minha responsabilidade; estou ciente de que as informações prestadas para subsidiar a presente pesquisa será de uso restrito a finalidade acadêmica. Diante disto:
 - a) Autorizo o uso de imagens, falas e textos para subsidiar a pesquisa ()
 - b) Autorizo uso das informações do questionários e entrevistas, porém sem associação com a minha imagem ou algo que me identifique ()
- III) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação.
- IV) A desistência não causará nenhum prejuízo à minha saúde ou bem estar físico.

- V) Os resultados obtidos durante este ensaio serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas e utilizados como subsídio à melhoria da condição de vida das pessoas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados;
- VI) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados ao final desta pesquisa:
 Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.
 Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.
- VII) Caso me sinta prejudicado (a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/HUAC, do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Hospital Universitário Alcides Carneiro, ao Conselho Regional de Medicina da Paraíba e à Delegacia Regional de Campina Grande.

Campina Grande, 16 de maio de 2012.

Sujeito Pesquisado:

Assinatura.

	TESTEMUNHA 1	TESTEMUNHA 2
NOME		
RG		
TELEFONE		

Responsável pelo projeto: _____

Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Junior
 Matrícula, SIAPE: 1.770.4252

Endereço para contato:

Pesquisador:

Universidade Federal de Campina Grande, Rua Aprígio Veloso, 882, Bairro Universitário.
 Cep. 58.429-140, fone: 83 2101-177

Comitê de ética:

CEP/HUAC/UFCG – Rua Dr. Carlos Chagas, s/nº, edifício do Hospital Universitário Alcides Carneiro, Bairro São José, cidade de Campina Grande – PB, CEP: 58401-490, Telefone: (83) 2101-5545, e-mail: cep@huac.ufcg.edu.br.